

Entrevistas:

Antônio Andrade

Lidiane Reis

Pág. 5 e 18

EDIÇÃO 4 | ANO 3

JUNHO DE 2015

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



R E V I S T A

Vertentes Cultural

A revista do Sicoob Credivertentes

**A SAGRADA E
AVENTUREIRA
SÃO JOSÉ**

**Serra mais famosa do
Campo das Vertentes
é cenário ideal
para Turismo
Ecológico**

Pág. 21

**'Meu melhor
amigo, um boi'.
Sim, também
conhecemos o
famoso Tomate**

Pág. 7

**As delícias -
e histórias -
do Saliya**

Pág. 29

**Paulo Palumbo:
o caixeiro voltou
para casa e virou
escritor**

Pág. 32

**Asapac:
o amor é
o melhor
remédio**

Pág. 35

PAIXÃO & FÉ

ANTÔNIO CELSO TOCO

Fernando Brant & Tavinho Moura

Já bate o sino, bate na catedral
E o som penetra todos os portais
A igreja está chamando seus fiéis
Para rezar por seu senhor
Para cantar a ressurreição
E sai o povo pelas ruas a cobrir
De areia e flores as pedras do chão
Nas varandas vejo as moças e os lençóis
Enquanto passa a procissão
Louvando as coisas da fé
Velejar, velejei
No mar do Senhor
Lá eu vi a fé e a paixão
Lá eu vi a agonia da barca dos homens
Já bate o sino, bate no coração
E o povo põe de lado a sua dor
Pelas ruas capistranas de toda cor
Esquece a sua paixão
Para viver a do Senhor

ARQUIVO/FUNREI/DIVULGAÇÃO



4 Editorial

Entrevista

5 Antônio Andrade

Primeiro Plano

7 A amizade entre um boi e um produtor rural

Em Pauta

9 Brigada-1: doação, coragem e amor ao Meio Ambiente

Economia

12 O pão de queijo em São Sebastião da Vitória

Entrevista

18 Lidiane Reis

Cultura

15 Chico Lobo: são-joanense com sangue caipira e trovador

Turismo

21 Serra São José: beleza, história e aventura

Social

25 Os milagres da Fraternidade Sagrado Coração de Jesus

Gastronomia

29 André Vieira: receita de empreendedorismo e ousadia no Saliya

Memória

32 Os causos e lendas de Paulo Palumbo, o caixeiro que virou escritor

Vertentes

35 Na Asapac, amor cura e solidariedade é contagiosa

Vida

39 Boa prosa - e aula! - de Alair Resende

Sementes do Bem

Editorial

MARIANE FONSECA



A revista já estava pronta quando algo nos ocorreu. Desta vez, quase sem querer, uma linha comum costurava as trajetórias de quase todos os entrevistados: o voluntariado.

E assim esta edição pode parecer, à sua maneira, uma colcha cheia dos mais bonitos retalhos. Dessas coloridas, com várias formas e texturas. Mas absolutamente aconchegante.

Se foi planejado o resultado? Não. Todas as pautas da *Vertentes Cultural* têm apenas uma meta estabelecida: contar trajetórias de homens e mulheres que fazem a história da região.

Neste número, como que por uma coincidência interessante da vida, do empreendedorismo e das aventuras editoriais, as páginas acabaram recheadas com relatos baseados na doação, na fé de que dias me-

lhores virão e na maior das percepções cooperativistas: a de que a união muda realidades.

Seria mais justo, até, dar um grande destaque ao plural nesse termo. RealidadeS mesmo. Em todos os sentidos que esse "S" consegue abarcar. De brigadistas que tentam driblar a fúria do fogo para evitar que o verde se torne cinza àqueles que

cedem seu tempo, sua energia e suas orações na tentativa de driblar o câncer, os vícios, as limitações, o pessimismo.

É nesse ponto que o ditado muda. Sim, como dizem por aí, o "mundo é dos fortes". Mas não acreditamos que por "fortes" devamos entender aqueles com superioridade física, poderio bélico, hegemonia política. Não. Não mesmo.

Para nós, os fortes são aqueles que não fraquejam frente os desafios, que apostam na humanidade, que se entregam ao bem-comum, que acreditam na amizade, que saúdam a família, que prezam pela memória e, ainda, aqueles que veem nas pequenas cidades potenciais e maravilhas que muitos se recusam a enxergar. Fortes são os que conseguem viver em COMUNIDADE, valorizar cada membro dela e transformar a frieza dos dias atuais em calor humano. Fortes são os que plantam sementes do bem. Mesmo que o solo, a princípio, não pareça tão fértil. Boa leitura!

" Para nós, os fortes são aqueles que apostam na humanidade, que se entregam ao bem-comum "

EXPEDIENTE

Filiada ao S.C.CREDIMINAS - Cooperativa Central de Crédito de Minas Gerais, à OCEMG - Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais e à OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
João Pinto de Oliveira - Presidente
Paulo Melo - Vice Presidente
Alexandre Nunes Machado Chaves, Antônio Vicente de Andrade, Fabiana Andréia Fernandes Diêlle Barros de Oliveira, Helder José Daher Chaves, Jasminor Martins Vivas, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo, Renivaldo Renaldo Bage-to, Vera Lúcia Chaves Resende Santos.

DIRETORIA EXECUTIVA
Jasminor Martins Vivas - Diretor Executivo Administrativo
Luiz Henrique Garcia - Diretor Executivo Financeiro

CONSELHO FISCAL
Efetivos: Bruno Aurélio Santos Leão, Antônio Nunes Silva e Marlon Moredson de Castro
Suplente: Luis Cláudio dos Reis

REVISTA VERTENTES CULTURAL
Revista semestral do SICOOB Credivertentes - Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda.
Endereço: Rua Carlos Pereira, 100
Centro - 36350-000 - São Tiago - MG
Telefax: (32) 3376-1386
E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

CIRCULAÇÃO
São Tiago, Alfredo Vasconcelos, Barbacena, Conceição da Barra de Minas, Coronel Xavier Chaves, Dolores de Campos, Ibertioga, Itutinga, Madre de Deus de Minas, Mercês de Água Limpa, Morro do Ferro, Nazareno, Prados, Resende Costa,

Ritópolis e São João del-Rei.

APOIO OPERACIONAL
Elisa Cibele Coelho

JORNALISTA RESPONSÁVEL: Mariane Fonseca
Tiragem: 5000 exemplares

DIAGRAMAÇÃO
Mapa de Minas Comunicação Integrada
As matérias veiculadas na Revista Vertentes Cultural do SICOOB Credivertentes podem ser reproduzidas, desde que citadas as fontes.



Conselheiro
Administrativo

Da fé ao EMPREENDEDORISMO



Calmaria e cautela por fora. Agitação e vontade de correr riscos por dentro. O empresário e conselheiro do Sicoob Credivertentes Antônio Vicente de Andrade, 63 anos, é dessas figuras que enganam à primeira vista e, exatamente por isso, surpreendem.

A fala mansa, a atenção e o sorriso fácil escondem uma personalidade inquieta, sedenta por atividades que só não se estendem até o intervalo entre 0h e 6h porque, como explica Andrade, “essa é a hora de descansar. Sei que sou humano. E humanos precisam de sonecas boas”.

A explicação ocorreu durante entrevista encaixada nas poucas lacunas da agenda de um homem que se divide entre a produção rural, o investimento em construções, o Ministério da Eucaristia, a Mesa Diretora de um sindicato, a tesouraria do Albergue Santo Antônio, em São João del-Rei, e a devoção à família.

Não bastasse isso, acredite, Andrade ainda encontra fôlego para jogar futebol vez ou outra. Se torce para algum time? “Não. Só gosto de me ocupar com várias coisas mesmo”, comenta, lembrando que uma camisa ele veste com gosto e defende sem-

pre: a do cooperativismo.

Vertentes Cultural – *Sua imagem na Credivertentes é muito associada à de alguém que ultrapassa a barreira do mero apoio ao cooperativismo e chega à esfera de alguém que o vive e defende com unhas e dentes. De onde vem essa postura?*

Antônio Andrade – Acredito que das minhas próprias vivências. Sou um homem da roça. Nasci e fui criado em uma. Na juventude coloquei um saco nas costas e fui pro mundo. Depois disso me tornei franciscano, fui parar no Rio de Janeiro e participava de ações sociais em várias comunidades enquanto estudava Teologia e Filosofia. Sempre tive comigo que a união pelo bem maior é a chave para tudo. Mas as coisas ficaram ainda mais claras e latentes quando passei a sentir na pele a necessidade de se juntar forças, encontrar potenciais mesmo onde aparentemente não há.

É nisso que as cooperativas acreditam. E eu particularmente acho que todas as instituições deveriam

ter esse mesmo norte, fossem elas políticas, públicas ou privadas. O Henry Ford assina uma frase que sempre gosto de citar: “Unir-se é um bom começo, manter a união é um progresso e trabalhar em conjunto é a vitória”. Se todos levantássemos essa bandeira teríamos até mesmo um planeta totalmente diferente.

Vertentes Cultural – *Ou seja: é preciso valorizar posturas institucionais mais humanistas. Certo?*

Antônio Andrade – Exatamente. Olha, eu acredito muito nas pessoas. Muito mesmo, apesar da lambança toda que elas fazem. Aliás, acredito nas pessoas e no futuro. Se a gente não olha pra frente e não pensa nele com otimismo, não há razão de existir. Mais ainda: se a gente até olha pra frente, mas de forma individual, sem notar os outros, não saímos da utopia. Nenhum homem é uma ilha, de fato. E embora até ignore isso, precisa que o ambiente ao seu redor funcione bem, cresça, esteja em harmonia. E é aí que está o grande ponto: quem faz com que isso aconteça? Nós mesmos. É um ciclo delicado que precisa ser considerado até mesmo



para mostrar o poder que temos em mudar o que está errado e viti-
ma quem ainda não pode se defen-
der. Por exemplo: podemos acabar
com a fome? Eu acredito absurda-
mente que sim. Estamos aqui para
evoluir e fazer tudo melhor. Temos
capacidade de produzir e distribuir.
Precisamos querer, fazer a nossa
parte, pensar no outro.

É por isso que digo: o coopera-
tismo é a resposta para os nossos
problemas. E a solução deles come-
ça nos esforços locais.

Vertentes Cultural – *Foi por va-
lorizar esse poder da comunidade e
do local que apoiou a criação desta
revista?*

Antônio Andrade – Eu acho que
o que é bom precisa ser mostrado,
exposto e destacado seja nas pági-
nas de uma publicação
ou mesmo com uma pla-
ca luminosa escrita “Olha,
temos um exemplo bo-
nito aqui!” (*risos*). Maus
exemplos a gente tem o
tempo inteiro. Estão em
evidência em qualquer
lugar. Então era preciso
remar contra essa maré e
tirar debaixo d’água aqui-
lo que há de melhor.

Tudo isso estava sub-
merso no Campo das
Vertentes. Quanta coisa
maravilhosa a gente des-
cobre lendo a *Vertentes Cultural*. E
o mais interessante: quanta inspi-
ração podemos levar a outras pes-
soas para que superem as dificulda-
des, empreendam, mudem de vida
e fortaleçam a economia também...

A própria Credi tem uma tra-
jetória exatamente assim. Ela é
resultado dos sonhos de homens
que, sinceramente, foram verda-
deiros desbravadores dessa região.
Foram tão visionários que, acredito
eu, provavelmente até se pas-
saram por loucos aos olhos de al-
guns. Mas veja onde a cooperativa
está hoje, com quase 30 anos, sem
nunca ter fechado as portas fren-
te às crises que o país e o mundo
enfrentaram.

Vertentes Cultural – *Por falar
nisto, desde o início do ano o termo
“colapso econômico” ganhou muita
força. Há quem diga que estamos
prestes a encará-lo. Como empre-
endedor que vive as oscilações do
mercado, de que forma avalia esse
momento? Acredita ser um estre-
mecimento temporário ou presente
turbulências maiores?*

Antônio Andrade – Acho que
já passamos por momentos piores.
Bem piores. Por isso mesmo acredi-
to que o país possa sim dar a volta
por cima. Na realidade, eu preciso
acreditar nisso. Não posso levantar
da cama e pensar: “Meu Deus, em
dois anos o mercado vai quebrar
meu negócio”. Pelo contrário, eu
desperto agradecendo pelo ontem,
pedindo sabedoria pra enxergar o
que preciso e estar pronto caso, de

fato, a economia
chegue ao fundo
do poço.

Eu acredito
que empreende-
dorismo é exata-
mente aguentar,
aguentar, aguen-
tar. Se pensar
bem, na realidade
nós começamos
em crise, sem
certezas, tentan-
do mostrar o que
sabemos fazer,
o que podemos

*“Acredito que empre-
endedorismo é exa-
tamente aguentar,
aguentar, aguentar.
Se pensar bem, na
realidade nós come-
çamos em crise, sem
certezas, tentando
mostrar o que sabe-
mos fazer”*

oferecer, mas sem perder de vista
a vontade de crescer.

Na prática, todos os dias isso se
renova. Economia oscila mesmo.
Posso estar nadando em prosperi-
dade hoje, mas enfrentar uma re-
cessão amanhã. Se não souber lidar
com isso, não estou pronto para
ter um negócio. Nem para encarar
a vida.

Vertentes Cultural – *Digamos,
então, que o grande diferencial está
num capital que poderíamos chamar
de “emocional”? Em uma postura
madura e equilibrada para superar
uma possível revés?*

Antônio Andrade – Acho que

sim. Pense só: o que seria se todo
mundo se deixasse levar pelo pes-
simismo? Haveria uma desistên-
cia em massa no mercado e nessa
avalanche os consumidores seriam
prejudicados. Na prática nós causa-
ríamos o caos que tanto tememos
e queremos evitar.

O mercado não representa,
hoje, o paraíso. Mas é possível
alcançar a prosperidade nele. Eu
vejo, aliás, que a Credi vertentes
aposta nisso. Na Assembleia Geral,
por exemplo, falou-se em núme-
ros extraordinário até o presente
e a cooperativa ousou falar em
crescimento para o próximo qua-
driênio. Com cautela? Sim. Mas
sem tentar frear o crédito ofere-
cido a quem precisa ou sequer
mencionar a palavra “recessão”. O
termo-chave sempre foi “gestão”.

Vertentes Cultural – *Adminis-
tração é o grande mote, aliás, de pro-
gramas como o Balde Cheio e o Ges-
tão de Qualidade no Campo (GQC).
Ambos estão intimamente ligados a
atividades que você exerce, já que é
ruralista e trabalha com a produção
de leite...*

Antônio Andrade – Acho am-
bos fantásticos. Nós vivemos em
uma sociedade que ainda não re-
conhece o valor do produtor rural.
Poucos realmente entendem
que é na roça que se planta a se-
mente para todos os frutos que o
país vai colher.

E falo tanto daquele que vai
para as geladeiras quanto do con-
ceitual. É da terra que vem a ma-
téria-prima para quase tudo o que
você vê.

Mas às vezes até o próprio pro-
dutor esquece disso, se conforma
com esse lugar injusto em que
querem colocá-lo e sequer per-
cebe que é tão empresário e im-
portante para o mercado quanto
o dono de uma grande indústria.

Esses programas vão ao encon-
tro exatamente disso. Ao mesmo
tempo em que educam, profis-
sionalizam, também valorizam e
mostram a verdadeira identidade
que o produtor rural deve assumir.



Quando a amizade atravessa porteiras



A incrível história de Boi Tomate e Sebastião Gaudêncio, o 'encantador de bichos' na Fazenda da Serra

“Você gosta mais dele do que de mim”, diz a esposa.

“É, pelo visto, temos um irmão mais novo”, comentam os filhos.

O ouvinte, o simpático produtor rural Sebastião Gaudêncio de Almeida, concorda com tudo. Mas se engana quem pensa que o senhorzinho de 78 anos é desses que dizem “sim” a todo custo. Quem quiser que se arrisque a perguntar se ele vende Tomate. Nessa hora a resposta é um educado – mas incisivo e sonoro – “não”.

Tomate é o melhor amigo de Almeida. Um boi. Isso mesmo: um boi que chegou à Fazenda da Serra, a 7km de São Tiago, com ape-

nas um mês de vida. Na época era um bichinho pequeno, redondo e com pelos avermelhados. Exatamente por isso, garante o dono, lembrava em muito o fruto que tanto colhia no quintal.

Hoje é um animal gigantesco, com 25 arrobas (quase 400kg) e chifres que até agora ninguém ousou medir. Sabe-se lá por que, diga-se de passagem, já que o bichinho de estimação gigante é dócil. E educado. Para quem duvida disso, basta assistir à graciosa coreografia de Tomate atravessando com cautela os cômodos da fazenda até chegar à cozinha, onde mais gosta de ficar.

Pode soar inacreditável, mas o boi o faz caminhando lentamente, desviando dos batentes das portas, dos móveis e até dos objetos de decoração. Como prêmio por tamanho cuidado, ganha laranjas ou porções generosas de fubá, além de água doce. “Há alguns anos eu dava guaraná ou cerveja. Mas a gente tem que cuidar da saúde dele, né? Então agora ele só bebe coisa mais saudável”, conta Almeida.

Esse é apenas um dos tratos para o animal de 9 anos. Além de limpo, penteado e alvo de carinho todos os dias, Tomate também é vigiado com cuidado.

Até bem pouco, costumava entrar no casarão rural pelas escadas do quintal. O truque maravilhava visitantes que costumam vir de diferentes partes do mundo (sim, DO MUNDO!) para conferir a história de amizade entre o boi e o fazendeiro.

Foi até filmado várias vezes para a TV. “Mas hoje o Tomate está muito grande e gordinho. Fico com medo de machucar os joelhos fazendo isso ou de escorregar. Prefiro dar a volta com ele para entrar sem problemas”, explica Almeida antes de ganhar um “beijo” carinhoso do animalzinho de estimação. Tomate, aliás, se tornou famoso nacionalmente após aparecer no *Domingão do Faustão*.

DA SOLIDÃO À COMPANHIA

O produtor rural mora na Fazenda da Serra desde que nasceu. Dali nunca quis sair. Mas essa vontade não conseguiu transferir aos 13 filhos através do DNA. “Aos

poucos eles foram crescendo, fazendo a vida, deixando a roça. Minha mulher também preferiu a cidade. Então comecei a passar muito tempo aqui sozinho. O jeito foi fazer igual São Francisco e conversar com os bichos. A diferença é que todo mundo pensava que eu estava louco”, gargalha Almeida.

Mesmo assim o senhorzinho seguiu adestrando criações. Do gatinho do quintal ao imenso cavalo Garoto, de quase 28 anos, difícil encontrar um animal que não saiba um truque na fazenda. Mas nenhum deles foi tão longe quanto Tomate.

O boi, que era bravo, aprendeu a ser manso e amável, a dar “bom dia”, a atender os chamados do dono e até a torcer pelo Cruzeiro. “Se perguntar se ele gosta do Galo ele fica quietinho. Quando alguém fala na Raposa, ele abana o rabo”, diz Almeida antes de demonstrar a preferência futebolística de Tomate. E frisa: “Ele faz bem mais que isso. Até me ouve.

Gosto de desabafar com ele”, ri alto o produtor rural.

A ligação é recíproca. Há alguns meses, quando Almeida viajou a Cuiabá para visitar um filho, o boi sentiu tanta saudade que se recusou a comer. Em outra ocasião, quando o criador foi operado, Tomate passou dias acudado e deitado no pasto, sem ânimo. “A gente tem uma amizade verdadeira. Nem imagino o que seria de mim sem ele. Acho que quando um partir o outro morre também”, reflete o são-tiaguense, antes de completar: “Mas é um risco que a gente corre na vida. Até Deus decidir quem vai primeiro a gente aproveita a companhia um do outro, né, Sô?”.

“Sô” é Tomate, que parece responder concordando enquanto balança a cabeça.

Depois, a repousa carinhosamente no ombro esquerdo do dono. Fica difícil duvidar da cumplicidade entre os dois. Na Fazenda da Serra, o boi é o melhor amigo do homem. Fim de papo.

MARIANE FONSECA



Parceria entre o fazendeiro e o boi de estimação virou notícia no país inteiro





DIVULGAÇÃO

Em Pauta

PROVA DE FOGO

Voluntários da Brigada-1, em São João del-Rei, só querem manter acesa uma chama: a de defesa do Meio Ambiente

O telefone de Ulisses Coelho toca freneticamente. São convites para adestrar animais, dar palestras e entrevistas sobre Meio Ambiente, acompanhar grupos em passeios ecológicos no Campo das Vertentes ou socorrer a Serra do Lenheiro, atingida por mais uma queimada.

Todos os chamados são atendidos de prontidão. Mas o último é pessoalmente doloroso para Coelho – além de arriscado. “A gente corre contra o tempo pra tentar salvar alguma coisa, sua, dá o sangue. Mas sempre com a consciência de que o dano já foi causado. E que dali pra frente serão anos e mais anos

até que a Natureza cicatrize tudo. Na prática, ela perde em segundos o que demorou uma vida para ter e demoramos dias para amenizar”, lamenta o voluntário e grande entusiasta da ONG S.O.S Serra do Lenheiro.

Formada há cerca de três anos e composta por quase

30 “sentinelas”, a equipe luta para preservar o complexo de montanhas são-joanense como extensão da Brigada-1, de Belo Horizonte.

MATEMÁTICA DA DESTRUÇÃO

A batalha não é fácil. Em 2014, quando uma seca histórica assolou a região, os voluntários chegaram a responder até seis denúncias de fogo em áreas ambientais por dia.

Em cada uma, quatro hectares de mata desapareciam no meio do fogo. O que isso significa? Que o equivalente a 24 campos de futebol foi perdido diariamente só em São João del-Rei. Boa parte na Serra do Lenheiro, onde foram registradas quase cem ocorrências entre fevereiro e dezembro.

Vamos além no cálculo: cada área destruída demora em média dez anos para se recuperar. Isso significa que nas épocas críticas a Natureza sente abrir, todos os dias, feridas que só vão cicatrizar em 240 anos.

(IN)CONSCIÊNCIA

Todo o sofrimento é testemunhado pelos brigadistas que chegaram a cumprir jornadas de 12 horas no combate ao fogo e presenciaram centenas de animais morrendo carbonizados.

“O que mais machuca é saber que as queimadas são criminosas. A Natureza não entra em autocombustão. As chamas desastrosas são resultados de ações deliberadas. As pessoas querem fazer pasto, mas não procuram os órgãos ambientais e tomam as medidas dentro da lei, construindo os asseiros, por exemplo. Para economizar, tacam fogo em tudo. Só esquecem que queimando ou não pagam um preço muito alto por isso”, diz Coe-

lho, revoltado.

E completa: “Aliás, todos nós pagamos. Várias nascentes nos arredores da Serra do Lenheiro já secaram como resultado da degradação. E poucos realmente se preocupam com isso. Alertas não adiantam. Muitos só sentem quando falta água na torneira, por exemplo”.

Para piorar, a Serra do Lenheiro não é protegida legalmente e segue definhando sem ser declarada Área de Proteção Ambiental (APA).

Resta aos sentinelas caminhar na contramão desse contexto. O que também é complicado. Todos os anos o S.O.S Serra do Lenheiro promove um curso preparatório de voluntários, com 30 vagas para aulas teóricas e práticas.

Dos formados, poucos realmente atendem aos chamados. “Infelizmente é difícil que as pessoas estejam realmente disponíveis. Elas trabalham, estudam, têm família e afazeres que nem sempre podem ser deixados de lado. Os incêndios, por outro lado, não têm hora para acontecer”, frisa Coelho.

Apesar disso, ele e os companheiros persistem na jornada ambiental. “Ninguém entra no mato para encarar o fogo por vaidade. A gente fala essas coisas para tentar alertar, para mostrar que todos estamos sendo prejudicados e uma hora a Natureza vem cobrar a conta. Quando o homem transforma o verde em cinza o ambiente está indefeso sim, mas cada parte dele que vai embora

significa um pedaço de nós que também some”, alerta.

E termina a conversa com outro lembrete: “Passamos muitos anos ouvindo sobre a possibilidade de escassez da água potável. Quantas vezes nos alertaram na escola, nos documentários da TV e nos jornais sobre o risco de tudo secar, não é? Ignoramos. Achamos que era ficção científica. No ano passado precisamos rezar para chover. Ou preservamos ou vamos desaparecer. Mesmo que demore. Mas vamos”.



Só em 2014, o equivalente a 24 estádios do tamanho do Mineirão foram consumidos pelas chamas. E o pior: os incêndios em geral são criminosos





SÃO SEBASTIÃO: a 'terra santa' do PÃO DE QUEIJO

Polo de produção da mais mineira das iguarias tem história marcada por empreendedorismo, talento culinário e fé na comunidade



Da produção para alegrar o café da manhã da família às bases da economia no distrito: pão de queijo atrai até turistas





A receita do pão de queijo todo mundo conhece. Mas a receita do Pão de Queijo (isso mesmo, com letras maiúsculas) de São Sebastião da Vitória só a família Ávila tem. E não estamos falando sobre um jeitinho diferente de preparar a massa, acrescentar o queijo ou investir em receios.

Estamos falando em uma história que foi preparada ao longo de 80 anos e transformou o distrito de São João del-Rei em um polo. O polo da iguaria mais famosa de Minas Gerais, completando a mesa do Campo das Vertentes.

Aliás, que mesa!: coberta com forros feitos em Resende Costa; servida com o café e o biscoito de São Tiago; e os rocamboles de Lagoa Dourada. Com pãozinho de queijo então... Hmm! E pensar que a tradição local para a iguaria símbolo dos mineiros começou, na região, com o casamento entre um empreendedor e uma mulher cheia de dotes na cozinha.

HMMM...!!!

O motorista paulistano Jackson Lopes passa por São Sebas-

tião da Vitória pelo menos uma vez a cada 15 dias. E faz questão de estacionar o caminhão às margens da BR-265, que corta o distrito com 1,5 mil habitantes. O motivo? Sim, os pães de queijo. “Eu vou te contar uma coisa: a gente acha massa semi-pronta nos



Rogério e Bernadete Ávila: a tradição continua



supermercados, sim. Mas nada se iguala a isso aqui. E é por pensar assim que acabo me perdoando por dois pecados: a gula e o gasto excessivo”, brinca.

“Excessivo”, segundo ele, porque pacotes de pãezinhos fabricados em São Sebastião acabam se transformando em presentes para a família em São Paulo. “Levo tantos que praticamente exporto o produto”, diz sorrindo.

O mesmo faz Bernadete Ávila, 72 anos, ao ouvir relatos como esse. Ela é filha de Antônio Leite e Olívia Fonseca de Andrade. Ele, um tropeiro que tinha paixão pela estrada e pelo comércio, enxergou potencial na redondeza que não passava, à época, de um ponto de descanso para viajantes e animais. A esposa, uma mulher devotada aos filhos e com talento excepcional para preparar os quitutes que hoje fomentam a economia para 80% das famílias – sejam elas produtoras de matéria-prima para laticínios, fabricantes de derivados, preparadoras de receitas ou atendentes nas lanchonetes locais.

A MUDANÇA

Bernadete ainda era uma menina quando os pais decidiram sair de Arcângelo e tentar a sorte em um território com quase nada. O ano era 1935. “Foi meu pai quem nutriu o desejo de vir para cá e até hoje ninguém entende exatamente o porquê. Pelo que conheci bem dele, acho que percebeu, antes de todo mundo, que esse lugarzinho um dia seria passagem obrigatória para várias cidades da região. Chegou, decidiu ficar, abriu um armazém, passou o resto da vida aqui”, relembra.

No estabelecimento, aliás, Leite vendia de tudo. “Sapato, bota, feijão, frutas...”, conta a herdeira. Falta apenas um item: quitandas. E delas a esposa do empreendedor entendia muito bem. “Minha mãe se casou muito menina, aos 16 anos, com um homem de 32. Mas mesmo muito nova era exímia em tudo o que fazia. Os pães de quei-

jo chamavam muito a atenção na época e eram iguarias tão simples quanto os bolinhos de chuva que a gente faz pros netos hoje em dia. Até o polvilho era feito com mandioca que a gente plantava no quintal”, explica Bernadete.

Não demorou muito para que o aroma que encantava marido e filhos atraísse outros moradores capazes até de pagar pelo que saía do forno de Dona Olívia.

EMPREENDEDORISMO

Rogério Andrade de Ávila, 44 anos, passou a infância brincando de esconde-esconde entre os balcões administrados pelo avô. Também viu a estrada de chão se transformar em asfalto em São Sebastião da Vitória.

Enquanto crescia, foi testemunha, também, de cavalos das tropas se convertendo em caminhões, ônibus cheios de turistas e fluxo intenso de automóveis. “De alguma forma meu avô previu que aquilo aconteceria”, acredita. E completa: “É claro que não mentalizou as coisas como são hoje. Mas soube de antemão que se os tropeiros se reuniam e paravam no alto do morro naquela época, os comerciantes do futuro também o fariam. Ele sabia, do jeitinho dele, que São Sebastião estava numa localidade privilegiada. E por isso mesmo comprou as primeiras terras bem ao redor de onde os cavalos eram amarrados para descansar”, relata admirado.

O próprio Leite, aliás, vivia na pele as agruras dos trajetos. Segundo contam filha e neto, era viajante que ia de São João del-Rei a Barbacena montado no lombo de um burro. Lá, embarcava em um trem para o Rio de Janeiro. Nesses trajetos, acabou aguçando ainda mais o tino comerciante.

Enquanto isso a esposa, Olívia, abastecia o armazém da família com as maravilhas que produzia usando ingredientes simples e que praticamente jorravam na região. “As fazendas dos arredores já produziam muito leite. E tudo

era aproveitado para a subsistência. Com o passar dos anos, esses produtos começaram a fomentar a economia”, lembra Rogério Ávila, proprietário há 20 anos do Sabor & Arte, um espaço dedicado às delícias das quitandas mineiras e ao artesanato.

E não há por que discordar. Além dos pães de queijo que levam quase 2 mil visitantes à feira anual dedicada à delícia mineira, São Sebastião da Vitória tem economia sustentada, também, pelos laticínios que fincaram base no distrito. Um deles, o Laticínios Vitória, é gerenciado por Wilson Leite.

MERCADO

Quando questionado sobre os motivos que levaram ao sucesso dos produtos de São Sebastião da Vitória, que já rodam o país, Wilson Leite explica uma fórmula simples: visão empreendedora somada a persistência, talento e qualidade.

“Em geral, o que se imagina de distritos? Que são locais minúsculos de onde as pessoas querem fugir para buscar oportunidades nas capitais. São Sebastião da Vitória se transformou em uma exceção à essa regra”, explica.

E completa: “A maioria das histórias de negócios aqui começou com pessoas que aproveitaram os potenciais da comunidade e começaram a neles. Aos poucos eles foram se completando. O leite produzido nas terras de um passou a integrar a receita do queijo de outro, que o repassava para um quarto transformar em quitanda. Aos poucos esse ciclo se fortaleceu e o distrito também. Importamos recursos e conhecimento de alguns centros, mas exportamos nossos produtos feitos com todo carinho por colaboradores recrutados aqui mesmo nos arredores. Às vezes a gente precisa olhar para dentro para enxergar além. E esse sempre foi o maior acerto dos empreendedores de São Sebastião”, comenta.



Lobo em pele de violeiro

Chico, são-joanense, filho de entusiastas da música e com alma sertaneja, conta sua história

Nascido em São João del-Rei e radicado em Belo Horizonte, Chico Lobo viu seu talento se transformar em passaporte para o mundo. Na bagagem, segue carregando a poeira do sertão

RUI MENDES/DIVULGAÇÃO

Quando um grupo de Folia de Reis entrou na casa dos Lobo, no Bairro Bonfim, o pequeno Francisco sentiu o coração bater no mesmo ritmo que a batucada dos homens que cantavam e dançavam empunhando estandartes santos. Os olhos do menino de 8 anos também brilharam e é possível que reluzissem mais que as lantejoulas encrustadas nas roupas dos artistas que agora tomavam conta da sala.

Francisco já sabia: queria fazer música também. Mas não era qualquer uma: queria fazer música popular, de raiz. Influências, aliás, não faltavam. Neto de tropeiro, filho do seresteiro e de uma cantora, o menino carregava liberdade, paixão e talento no DNA. Enquanto isso, nas veias, corria o sangue quente de quem tinha uma única vontade: fazer a diferença.

E fez. Francisco cresceu e se transformou em Chico Lobo, violeiro caipira, solista virtuoso, intérprete, compositor, mente hiperativa e corpo que se move ao som de boa melodia, no ritmo de novos projetos.

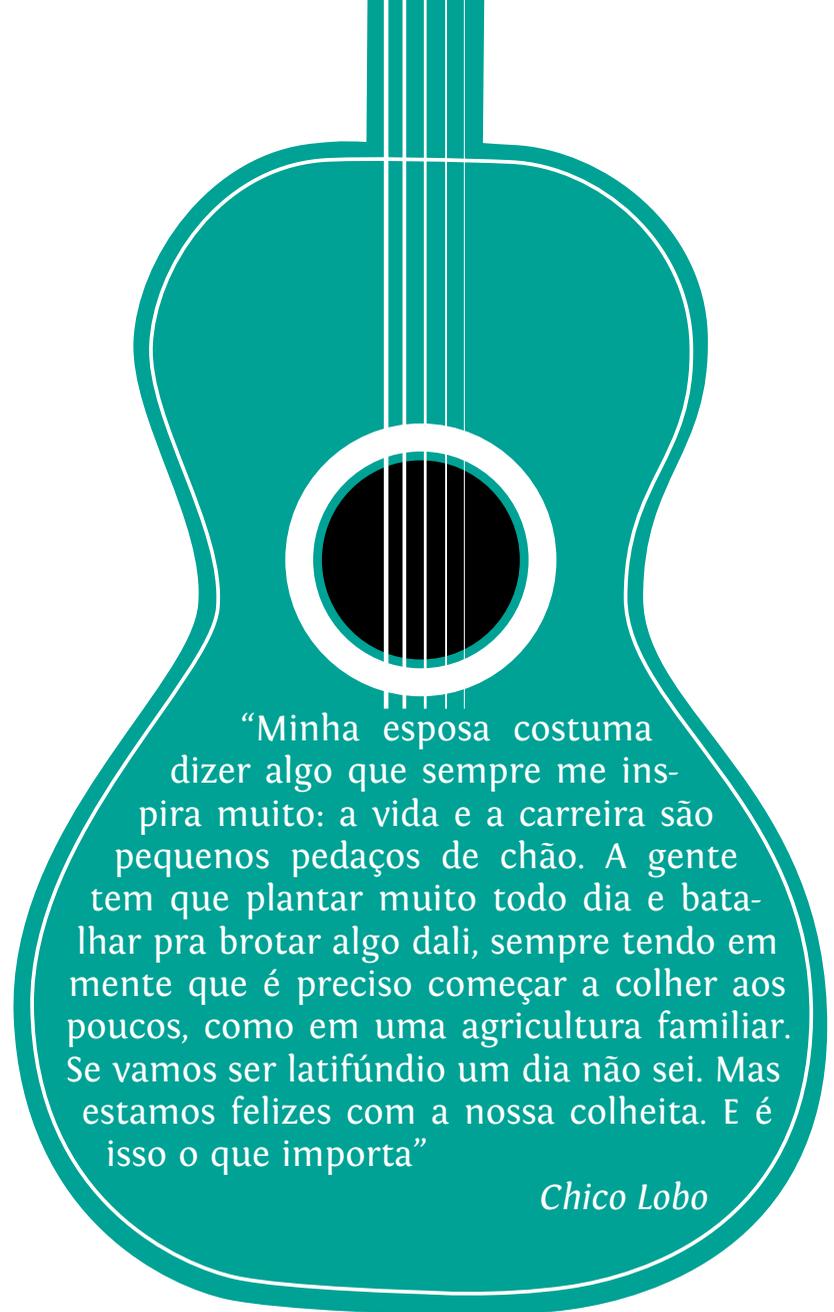
Neste ano o artista são-joanense que já dividiu palco com Pena Branca, Renato Teixeira, Zeca Baleiro e o ícone português Pedro Mestre se prepara para lançar novo CD, uma turnê com a Orquestra Sinfônica da Polícia Militar de Minas Gerais, um encontro internacional voltado à viola de arame e, não bastasse isso, um livro.

Simultaneamente, segue coordenando um projeto social que ensina viola caipira gratuitamente em duas comunidades rurais do Campo das Vertentes, apresentando um programa de TV há 12 anos no ar e um programa de rádio comandado por ele há seis.

“Quando dá esses *trem ni mim* ninguém segura”, gargalha o morador da capital que não esquece, jamais, das raízes interioranas.

DESTINO DE VIOLEIRO

De Francisco a Chico Lobo. De



educador físico a um dos maiores violeiros do país. A vida do são-joanense mudou entre 1992 e 1995 e bem poderia render um caso musicado. Lobo já era violeiro há 14 anos quando um acidente de carro o fez ver o óbvio: havia nascido para tocar.

Sim, a tragédia foi motivadora. “Eu já residia em Belo Horizonte, mas vim a São João me apresentar em um show pequeno. Era professor de Educação Física em duas instituições e tentava conciliar tudo. Então fiz o concerto e decidi pegar a estrada logo depois. Cochilei ao volante, o carro caiu

em um barranco e por algum milagre inexplicável só machuquei a mão”, conta. O “só”, porém, tenta amenizar o fato de que o violeiro passou quase dois meses sem conseguir mexer os dedos.

A viola quase se calou. Mas o destino insistente a transformou em fonte de terapia.

Ao se recuperar, Lobo decidiu abandonar os empregos fixos e se dedicar à carreira. Pouco depois, em 1994, conheceu aquela que transformaria decididamente seu destino: a esposa, Ângela Lopes, hoje sócia na produtora que mantém e gestora de sua carreira.



A primeira decisão logo após se casarem? Deixar de tocar em bares e festivais, dedicando-se aos concertos culturais e a um objetivo maior: gravar o primeiro CD. “A sugestão soou como loucura na época. Afinal, eu estava pedindo que ele cortasse uma fonte de pequenas rendas. Mas sempre soube que ele precisava de um novo rumo ou seguiria como um talento ainda não reconhecido. Deixamos os palcos mais boêmios e fomos atrás de eventos culturais e pequenos teatros. Não foi fácil”, conta Ângela.

DISCOGRAFIA

O palpite dela estava certo e em 1995, após cometer a aparente insensatez de usar os investimentos para a compra do primeiro apartamento na gravação do primeiro disco, *No Braço da Viola*, Chico Lobo lotou nada menos que o teatro do SESI Minas, em BH, chamou Zeca Baleiro e Jackson Antunes para participar do show de relançamento da obra e carimbou o passaporte para shows na Itália.

Na volta, foi finalista do Prêmio Sharp de Música Brasileira e deslanchou.

Em 1998 lançou, em parceria com Jackson Antunes, o álbum *Nosso Coração Caipira*, em que o ator declama 25 clássicos do cancionista caipira ao som da mais pura viola brasileira dedilhada, claro, por Lobo. Em 2000 veio novo sucesso solo, o trabalho *Reinado*. Foi o sinal de firmeza definitiva dentro da gravadora Kuarup e uma volta às raízes das Folias de Reis e do Congado.

De lá para cá, com força metéorica, Lobo gravou outros 18 CDs e estreou dois DVDs. Em um deles, *De Minas ao Alentejo*, ele se encontra com o português Pedro Mestre e faz do Atlântico uma ponte para unir histórias e a música de cordas.

TRAVESSIAS

Esses “diálogos”, aliás, são

constantes no trabalho de Chico Lobo. Em todos os sentidos. Para começar, nos palcos, as apresentações do são-joanense sempre soam como gostosos dedos de prosa com trilha sonora. E sempre abrem espaço para parcerias inusitadas.

Há dois anos, por exemplo, protagonizou ao lado de João di Souza o espetáculo *O tenor e o violeiro*, uma celebração à amizade antiga e ao casamento perfeito entre estilos. A viola caipira é democrática, a música não tem limites e a criatividade estabelece laços. Exatamente por isso, o repertório misturava *O Sole Mio* e *Tristeza do Jeca* com primor.

E como tempo e espaço também não são problemas para a música, Lobo ajuda a importar em 12 de setembro, para o Brasil, a *I Mostra Internacional de Viola de Arame*, uma saudação em forma de intercâmbio à viola portuguesa e suas facetas.

Antes, lança o livro *Conversa de violeiro*, assinado também por Fábio Sombra, uma coletânea de lendas, causos e tradições dos sertões. Quase ao mesmo tempo também chega ao mercado o *Cantigas de violeiro*, novo CD com participações como a de Tavinho Moura e Rolando Boldrin.

PERSISTÊNCIA

Como consegue conciliar tudo? “Com boa vontade e foco. Não fui encontrado por um olheiro um dia na rua, que gostou dos meus olhos e decidiu me levar para gravar um CD. Tive que correr atrás e tive a sorte de encon-

trar a Ângela para me ajudar nisso. Demos as mãos para encararmos o que foi preciso. E assim vai continuar sendo. Portas só se abrem quando a gente bate nelas”, conta o violeiro, pai de três filhos e mentor artístico de 70 crianças nas comunidades de Emboabas e Cajuru, onde implementou o Instituto Chico Lobo.

Nessas comunidades, monitores de Música cedidos pela UFSJ ensinam viola caipira a meninos e meninas que, enquanto descobrem seus talentos, mantêm uma tradição. “A partir do ensino da viola, valorizamos as lições de pais, avós, bisavós. Honramos antepassados, pensamos no futuro. Sou grato ao que aprendi com meu pai – Seu Aldo – e minha mãe – Dona Nieta – e quero ser para os meus filhos o que os dois foram para mim. Mostrar a eles a magia caipira e a sensibilidade da terra. Se isso também for ensinado a todas as crianças do projeto, terei cumprido uma missão e vou saber que a tradição seguirá com honra e orgulho”, finaliza.

RUI MENDES/DIVULGAÇÃO



Gerente do Ponto de Atendimento em Ibertioga

Pequena grande notável



"É preciso abrir os olhos e enxergar, sempre, as oportunidades", diz Lidiane Reis



Lidiane Reis, 33 anos, e o ponto de atendimento (PA) da Credivertentes que gerencia, em Ibertioga, têm algo em comum: são pequeninos por fora, gigantes por dentro e apaixonados por reviravoltas por todos os lados.

A primeira, uma mulher com jeito de boneca e cheia de delicadeza, se formou em Biomedicina e atuou como assessora científica antes de decidir mudar de rumos e receber o convite para tomar frente em uma agência jovem do Sicoob nos arredores da terra natal, São João del-Rei.

O PA em Ibertioga, aliás, também virou a mesa. Na cidade com 5,1 mil habitantes, a Credi cresceu 177,52% em patrimônio líquido e mais do que dobrou o número de associados, dentre eles empresas de peso da região. O segredo para esse fenômeno, segundo Lidiane, está na confiança e na capacidade de enxergar oportunidades mesmo em meio à fumaça da crise.

Vertentes Cultural – Sua história é muito marcada por transições e ousadia. Afinal, foram muitas mudanças de perspectivas, endereços e até de ramos profissionais. Como foi isso exatamente?

Lidiane Reis – Minha família é de São João del-Rei. Nasci e cresci lá. Mas me mudei para cursar Biomedicina pela Unifenas. Já na época da faculdade eu ingressei no universo bancário, trabalhando no Unibanco e no Mercantil do Brasil. Como sempre gostei da área comercial, passei a atuar como assessora científica de uma empresa de equipamentos laboratoriais.

Nesse meio tempo dei à luz minha filha, Laura (hoje com 5 anos), e então precisei mudar de rumo, já que eu viajava toda semana a trabalho. Foi aí que comecei a estudar técnicas bancárias e fui parar no Sicoob Credijequitinhonha, em Capelinha, no Norte de Minas. Comecei como atendente e depois de um tempo fui promovida a ge-

rente de contas físicas.

Foi nessa época que mandei um currículo para a Credivertentes e logo recebi a proposta para gerenciar o PA de Ibertioga. Estou lá há quase três anos.

Vertentes Cultural – Quer dizer então que aceitou o convite de prontidão, sem pestanejar?

Lidiane Reis – Não... Na realidade eu recebi o convite com um pouco de receio. A princípio a intenção era morar em São João, onde minha família reside. Ibertioga fica um pouco mais distante (são cerca de 110km).

Na prática eu teria que começar do zero, buscando desde uma casa para alugar até referências de uma babá confiável em uma comunidade que eu ainda não conhecia. Além disso, eu estaria à frente de uma agência que ainda se firmava.

Com tanta coisa em jogo recusei o primeiro convite, em 2012. Só mais tarde me convenci. Algumas situações me mostraram que aquela vaga havia surgido mesmo para mim.

Vertentes Cultural – A agência em Ibertioga, aliás, é jovem, com dez anos de história. O que mudou na cidade nesse tempo e quais as perspectivas para essa relação entre cooperativa e comunidade?

Lidiane Reis – O ponto de atendimento ganhou uma cara nova com novos associados e, assim, passou a apresentar resultados excelentes.

Com tempo, equilíbrio e confiança, a Credivertentes local passou a ser responsável pela folha de pagamentos da Prefeitura, da Câmara Municipal e do Hospital Monumento à Mães. Tudo isso além de empresas privadas.

Nesse cenário os depósitos no ponto de atendimento em Ibertioga cresceram mais de 280% e

as operações de crédito saltaram quase 288%.

Vertentes Cultural – Um das grandes diferenciais das cooperativas é o fato de que esses números significam impacto positivo na realidade de todos os associados. Não da instituição isoladamente. E tudo isso ocorre de forma gradual e participativa. Em apenas um semestre, por exemplo, a Credivertentes já realizou maratona de pré-assembleias, a assembleia geral e, mais recentemente, o Encontro de Delegados. Como avalia a participação e o envolvimento dos cooperados de Ibertioga nesses eventos?

Lidiane Reis – Felizmente há um grande envolvimento deles com a cooperativa. Os associados sabem que é de suma importância a realização dessas assembleias e que elas correspondem a momentos decisivos para todos.

Nada é realizado sem receber o aval dos cooperados e isso nos diferencia muito das outras instituições financeiras. Somos todos parceiros em busca do desenvolvimento.

Vertentes Cultural – Por falar nisso, o município em que você atua tem grande vocação para a agricultura e a pecuária leiteira. No ano passado, uma seca histórica fez o avanço nesses setores frear. Agora, em 2015, uma crise econômica assombra o país. Como manter o otimismo e a confiança dos associados em cenários como esse?

Lidiane Reis – De fato a preocupação é grande. Temos associados que vendem a produção e só recebem o pagamento pelos produtos com atraso. Outros foram vítimas de calote e não ganharam um centavo sequer. Não é fácil testemunhar isso. Ainda assim vejo tudo como uma fase ruim que pode sim passar. É uma



postura otimista – baseada nos potenciais reais, claro – que sustenta e norteia a Credivertentes.

Na realidade, o Sicoob não restringiu o crédito mesmo com a crise sendo desenhada, como os bancos fizeram. Com isso continuamos fomentando a economia local e pavimentando o caminho para seguirmos bem. Mesmo que não seja fácil.

Vertentes Cultural – *Seria esse o maior desafio em curto prazo para a cooperativa de crédito?*

Lidiane Reis – Acredito que sim. Mas não podemos ver a situação atual como fim da linha. Queremos, antes, enxergar oportunidades. Por exemplo: uma vez que a taxa de juros está alta o rendimento das aplicações também cresce.

Por esse motivo, não são poucos os que querem se informar sobre essa possibilidade. Vale lembrar que no Sicoob, além do rendimento pela aplicação em si, há o ganho com a remuneração da cota capital e a distribuição

de sobras.

Vertentes Cultural – *O que se percebe é que o seu posicionamento é, de fato, compartilhado por toda a cooperativa. Existe um envolvimento realmente intenso em busca da prosperidade na Credivertentes e do desenvolvimento comunitário...*

Lidiane Reis – Exatamente! Aliás, gostaria de agradecer às colaboradoras Ana Paula, Cláudia e Gislaíne. Elas formam uma equipe absolutamente engajada e unida. Serei sempre agradecida por isso enquanto nutro orgulho e admiração.

Nenhum resultado seria alcançado sem o desempenho delas. Certa vez até escutei de um associado – e nunca mais me esqueci disso: ‘É até bonito ver vocês trabalhando na venda de um produto, por exemplo. Vocês conversam pelo olhar. Parecem um time de futebol em que uma joga a bola para a outra, que faz o gol...’

Vertentes Cultural – *Sua fala remete a algo bastante importante,*

um marco para a cooperativa: hoje a Credivertentes já é a sexta maior entre as 81 cooperativas do Sistema Crediminas. Como foi receber essa notícia sabendo que faz parte dessa história? É claro que esse status deve ser muito comemorado. Mas sob a perspectiva do mercado, o que ele significa em curto prazo: desafio para que a instituição se supere ou preocupação com as demandas que são impulsionadas a partir de agora?

Lidiane Reis – É um desafio motivador. A trajetória até aqui não foi fácil e ainda assim conseguimos chegar. Da mesma forma, o caminho que se desenha pela frente é tortuoso.

No entanto, damos forças uns aos outros para nos movermos e temos como combustível um planejamento estratégico grandioso balizado por nossos dirigentes.

Além de serem super capacitados, todos são extremamente humanos. Não somos tratados como uma matrícula ou um número; mas sim com sentimento, compreensão e respeito.

DEVIDSON COSTA





Complexo que corta pelo menos cinco municípios é reduto de turistas que fogem da agitação urbana

Serra São José chama, aventureiros respondem

Turismo Ecológico, que cresce 25% por ano e responde por faturamento de US\$70 milhões no Brasil, encontra espaço nas Vertentes

Dalton Vale Cipriani diz que a Serra de São José é o quintal de casa. Poderia ir mais longe e acrescentar que a área natural é, também, seu escritório. Não há exagero nisso. O condutor de Eco-

turismo e Aventura reside e trabalha exatamente ali, nos arredores do imponente cartão postal (e ambiental).

A função? Oferecer experiências turísticas a visitantes de todo

o mundo enquanto traz à tona uma faceta diferente da histórica Tiradentes. Além de um município charmoso, com casarões barrocos e vielas calçadas com pedras coloniais e cenário de temporadas

cheias de eventos nacionalmente conhecidos, a cidadezinha ostenta riquezas ecológicas dos pés ao topo da Serra de São José. “Simplesmente estamos diante de uma das maiores reservas de Mata Atlântica de Minas Gerais, refúgio de vida silvestre e segunda maior concentração de libélulas do planeta inteiro com mais de 120 espécies”, conta um maravilhado Cipriani.

E continua: “Isso sem falar nas cachoeiras, nas piscinas naturais, nas formações rochosas incríveis, na variedade da flora, no fato de que a Serra cruza cinco municípios da região, mas permite que de seu topo seja possível avistar pelo menos 12”. Sim, 12, incluindo Barbacena, que se reduz a um amontoado de construções e luzes nos picos que podem chegar a 1,6 mil metros.

Impressionante, certo? E o melhor disso tudo: não é preciso ser a reencarnação de Indiana Jones para explorar essas maravilhas. Qualquer um, com o acompanhamento e a segurança devidos, pode cruzar trechos inesquecíveis.

UAI TRIP/DIVULGAÇÃO



CULTURA, HISTÓRIA... E ATÉ GEOLOGIA

Semáforos, buzinas, agitação na hora do *rush*. Tudo isso compõe a sinfonia da vida urbana. E é dela que Cipriani tenta fugir. Ele e as centenas de turistas que o procuram todos os meses loucos para explorarem o lado avesso – e puro – do Campo das Vertentes. “Houve um tempo em que as cidades do interior eram refúgio de calma e silêncio. Já não é assim mais. Embora menores, esses municípios têm um pouquinho das metrópoles. Em São João del-Rei, por exemplo, já temos até cadeias de fast-food (*risos*). Então mais do que nunca quem quer desestressar recorre às áreas verdes”, explica.

E nesse público estão incluídos até mesmo os moradores locais. Ou deveriam estar. “É coisa do ser humano se habituar com o que tem à sua disposição, bem pertinho, mas não ter curiosidade em conhecer. Quantas pessoas passam perto da Serra todo santo dia e mal sabem o que há de maravilhoso por lá...”, complementa a esposa do guia de Ecoturismo e

Aventura, Cristiane Cipriani. Os dois são parceiros na gestão da UaiTrip, empresa que já conta com mais de 20 opções de passeios, os principais deles no circuito São José.

Na lista de atividades, além de caminhadas e trekkings também estão pedaladas, rotas offroad, cavalgadas e até floating em botes no Rio Elvas. São quase 100km de possibilidades que se mesclam, também, à história e a caracteres biológicos da região. “A gente pesquisa a fundo tudo o que envolve essa área. E dividimos as descobertas com os visitantes. Sobre Geografia? Temos algo pra contar. Sobre Biologia? Também. Meio Ambiente? Idem.



E nessa hora é sempre importante falar sobre preservação. Não basta se encantar pelo cenário: é preciso querer cuidar dele também”, filosofa Cipriani, um contador de histórias nato, aliás.

DEVIDSON COSTA



LENDAS

No meio da trilha há uma cruz. E sobre ela Cipriani adora falar. Reza a lenda que ali está enterrado um misterioso carteiro que no



século XVIII tentou avisar a alguns inconfidentes, em vão, que o movimento havia sido descoberto. “Bem ali naquele caminho, porém, ele foi pego por tropas do então governador, o Visconde de Barba-

cena. Acabou morto ali mesmo, exatamente onde está a cruz”, relata o condutor já acostumado a ouvir os “oooh” e “conta mais” dos visitantes.

Muitos totalmente desacostumados a cenários naturais. “Minas não tem mar. Ok. Mas não lamento por isso. Quando vejo os rostos iluminados até mesmo de estrangeiros que se banham nas cachoeiras e nas piscinas naturais que temos aqui, entendo que a água salgada não faz falta para nós. Foi colocada por Deus no lugar certo enquanto outras maravilhas ficaram por aqui”, comenta Cipriani.

E faz questão de completar: “Viajantes como Richard Button, que estiveram aqui no século XIX, já ouviam histórias assim sobre o caminho entre a Vila de São José Del Rey e o Arraial das Lajes. Pode até ser uma lenda. Mas ela tem lá seus fundamentos há pelo menos 200 anos”.

O NEGÓCIO

Quando o mineiro se juntou com outros três amigos e começou a falar em Ecoturismo, em

2003, foi criticado. Até porque decidiu abandonar o ofício de eletricista de manutenção para tentar a sorte em uma área ainda desconhecida. “Minha avó, por exemplo, achava que era coisa de gente desocupada. Chegou a dizer na minha cara que eu havia escolhido um ramo de ‘maconheiros’”, conta Cipriani divertindo-se.

Não mesmo. A ideia era, antes, pioneira. E surgiu no mercado local quebrando paradigmas inclusive ao implantar um sistema de compras online. Seis anos mais tarde, em 2009, veio a profissionalização definitiva do empreendimento e a parceria com a esposa, Cristiane.

Hoje a UaiTrip é referência na região e já aparece na lista de estabelecimentos certificados pelo site TripAdvisor, o maior do mundo no ramo de viagens. “A gente tem um mundo de possibilidades para oferecer num lugarzinho pequeno rodeado por uma serra imensa. Isso é instigante demais. E é o que nos move nessa aventura”, encerra.

Quer conhecer melhor os passeios pela Serra São José? Então acesse: www.uaitrip.com.br.



DEIVIDSON COSTA

FRATERNIDADE além do nome

Iniciativa entre São João del-Rei e Ritápolis dá lição
prática de que união faz milagres - e muda vidas





Certo dia, há pelo menos dois anos, uma grande caminhonete branca estacionou em frente a um imóvel simples na BR-494, entre São João del-Rei e Ritópolis. Do automóvel desceu um senhor distinto, bem aparentado, perguntando quem cuidava da casinha vermelha onde dezenas de homens em situação de vulnerabilidade social eram acolhidos.

Wesley Carvalho se apresentou e imaginou que o misterioso homem pretendia fazer doações à comunidade. Segundos depois veio o choro do desconhecido e a revelação: era ortopedista e capitão do Exército em outro Estado. Sentia-se perdido, pensava em se matar. Bem como os outros residentes da Fraternidade Sagrado Coração de Jesus, ele procurava por socorro.

E encontrou, passando um mês

no local. A história resume bem a filosofia da entidade que já existe há 15 anos. Ali não há distinção entre classes sociais e problemas. Lá dentro todos são seres humanos frágeis que se fortalecem no dia a dia com fé, trabalho coletivo e uma única crença: tudo é possível para os homens com boa-vontade.

Não por outro motivo, histórias de verdadeiros milagres saem de lá. Uma delas é a de Luiz Fernando Daniel, um mendigo de Feira de Santana (BA) que foi apedrejado em São João del-Rei e desenganado pelos médicos. Hoje é braço direito de Carvalho no cuidado a quase 40 beneficiados na pequena instituição que segue precisando de ajuda e contando com doações.

Não se trata de uma casa de repouso, de uma clínica de recuperação, de um asilo. O próprio

nome aponta e Carvalho faz questão de frisar: na casinha de beira de estrada funciona uma FRATERNIDADE. “Aqui tem gente pobre, doente, com problemas emocionais, vícios, deficiências graves. Mas não é isso o que enxergamos todos os dias. Vemos homens que precisam de ajuda e têm solução sim, mesmo que o mundo os chame de ‘casos perdidos’”, afirma o idealizador da comunidade.

Por lá a transformação se baseia em quatro pilares: a fé, a perseverança, a disciplina e a liberdade. “Pode parecer contraditório. Mas o que defendemos é que aqui dentro vai haver rotina, vai haver trabalho coletivo, vai haver colaboração e boa-vontade. Todo mundo pode, da sua forma, fazer algo por si, pela casa e pelo próximo. E pode deixar a Fraternidade quando bem entender. Não há



DEVIDSON COSTA

Recuperandos conversam no quintal da entidade, onde também mantêm uma horta. Da plantação à colheita, todo o trabalho é feito pelos membros da fraternidade

muros aqui. Eu aposto na confiança e na vontade que cada um tem de mudar. Fica quem realmente quer isso. Caso contrário, criaria uma prisão”, explica.

E foi de uma prisão, aliás, que o aposentado Emílio Filho escapou. Aos 83 anos e há cinco abrigado na Fraternidade, ele lembra com precisão dos quatro meses

em que foi mantido em cárcere privado no Bairro Tijuco. “Era um homem sozinho. Então me casei com uma mulher que conheci na igreja e que prometeu cuidar de mim. Logo que assinamos os papéis ela começou a me trancar, agredir, deixar sem comida.

Fiquei tão magro que consegui fugir por um basculante da cozinha”, conta Filho.

Debilitado, ele demorou duas horas para conseguir deixar o cárcere. Na fuga ainda despencou da janela e se machucou. Foi socorrido por vizinhos que o encaminharam para atendimento médico e chamaram a Assistência Social em São João del-Rei. “Foi aí que me indicaram a Fraternidade. E daqui não saio. Morro nesse lugar se for preciso”, defende ele, que chegou à casa com dificuldades de locomoção e fala. Hoje, está totalmente recuperado.

CAMINHADA

Filho diz que uma de suas maiores alegrias é sentir a luz do sol na pele enquanto caminha ao redor da casa. Imagine o que isso significa, então, para o simpático João Bosco. Com pouco mais de 40 anos, Bosco passou a maior parte da vida – exatos 30 anos, na realidade – preso a uma cama. “Ele nasceu com problemas degenerativos e era cuidado por um irmão com problemas mentais. Nós o encontramos comendo e bebendo dentro de uma embalagem de desinfetante. Estava tão magro que conseguíamos pegá-lo com uma mão e tínhamos até medo de quebrá-lo, de tão sensível e frágil”, lembra Carvalho.

Não demorou para que João Bosco começasse a ganhar peso e até a sorrir. Mas andar parecia uma possibilidade remota. “Era uma realidade que ele desconhecía. Mas depois de quatro meses ele conseguia se sentar. Pouco

depois, em novembro de 2013, ficou em pé. Três meses mais tarde, apesar do medo, se ergueu sozinho quando chamei os moradores daqui para almoçar e foi andando para a cozinha”, conta o idealizador da Fraternidade com os olhos brilhando.

MILAGRE

Religioso, Carvalho defende que a força para seguir com a entidade vem de Deus. E é isso que tenta ensinar aos internos. A fé, porém, não é sinônimo de acomodação por lá. “Não há coitadismo aqui. Quando a pessoa chega tentamos mostrar que estar viva já é uma bênção e que a recuperação é questão de tempo. Também não nos prendemos às limitações”, comenta.

De fato, todos se superam dentro da Fraternidade. Na data da entrevista para a *Vertentes Cultural*, os internos se dividiram em grupos para cuidarem da casa.

E cada um se ocupou de uma tarefa específica. “Não é justo olhar para alguém que tem problemas nas pernas e dizer: ‘Tadinho, você não consegue fazer nada. Pode ficar quietinho’. Não é bem assim. Tentamos mostrar que é possível se adaptar, viver, lutar contra as dificuldades. A pessoa pode demorar 10 minutos para lavar um único prato. Mas saberá que é capaz, que pode driblar limitações e buscar autonomia”, frisa Carvalho.

DE ASSISTIDO A BENEFEITOR

Foi assim que Luiz Fernando se recuperou de uma surra com pedras e paus nas ruas de São João del-Rei há 12 anos atrás. Ele saiu de Feira de Santana, na Bahia, à pé. E desceu o mapa do Brasil até chegar a Minas. Andarilho e perdido, diz que chegou a se alimentar com lavagem de animais para sobreviver e que não se lembra dos agressores que quase o mataram.

Segundo ele, essa é a única lembrança das quais não sente falta. Com as pancadas o hoje



DEVIDSON COSTA

Após mais de 30 anos preso a uma cama, João Bosco encontrou autonomia que jamais imaginou ter



auxiliar na Fraternidade Sagrado Coração de Jesus perdeu parte da memória e dos movimentos no lado direito do corpo.

Chegou a passar um ano e meio deitado em um colchão de água sem andar ou sequer conversar. Trauma? Não. Para ele essa foi a primeira vitória. “Quando me deixaram aqui o médico que havia me operado disse ao Wesley que eu só viveria cinco dias”, relata.

E completa: “Quando abri os olhos eu soube que conseguiria ir além. Então passei muito tempo olhando para o teto e rezando. Aos poucos e com a insistência de todo mundo aqui me apoiando eu me recuperei”.

Abandonado pela família ainda na infância, Luiz Fernando hoje comemora, também, a paternidade. Há dois anos e meio ele tem orgulho de carregar no colo uma filhinha e de ostentar na mão esquerda uma aliança de casamento. Feliz da vida, já conseguiu até alugar uma casinha em Ritópolis, para onde volta todo final de dia depois de atuar na Fraternidade.

Mesmo destino quer ter o jovem Josimar Januário de Freitas. Hoje, aos 32 anos, ele ainda se recupera dos 14 em que viveu debaixo de uma ponte em São João del-Rei experimentando quase todos os tipos de drogas e vivenciando surtos solitários. “Ele não conseguia ficar dentro de casa. Saía e sumia meses. Foi então que a mãe dele pediu que nós o socorrêssemos. Não foi fácil. Quando chegou aqui, teve crises enormes em que passava horas gritando no refeitório. Dali a segundos corria para o quintal e jogava pedras em tudo. Um minuto depois já queria se sentar no chão e brincar feito uma criança. Procuramos um médico e descobrimos que ele sofria de esquizofrenia grave. Atualmente recebe medicação, atenção, carinho e perspectivas. Está tão bem que já consegue visitar a mãe sozinho”, conta Carvalho.

“Ela sorri quando me vê chegar. Há muito tempo não a via



Carvalho sorri próximo a altar que montou na Fraternidade. Fé em Deus e em cada ser humano

tão feliz. Eu também estou assim. Sou outro homem, sabe? E um dia quero cuidar das pessoas como o Wesley cuida da gente”, diz Freitas.

DIFICULDADES

O cuidado, aliás, é árduo. A Fraternidade Sagrado Coração de Jesus sobrevive com base em doações. E elas são escassas. Ainda assim, parecem se multiplicar. Há 15 anos, quando abriu as portas, a entidade funcionava em uma casinha de quatro cômodos em que viviam sete pessoas. Aos poucos, com a boa vontade da comunidade e alguns subsídios governamentais, o prédio cresceu, se transformou em um imóvel com seis quartos, cinco banheiros, cozinha, refeitório, sala e horta.

Faltava o apoio de profissionais médicos. E eles começaram a chegar aos poucos enquanto a angústia de Carvalho diminuía. Mas não sumia. “Aqui nós cuidamos de tudo. Muitos chegam

como indigentes, por exemplo, então batalhamos para recuperar a identidade deles, conseguir documentos, transformá-los em cidadãos. Das roupas aos produtos de higiene, tudo é cedido por nós e vem das doações. Vivemos calculando, dividindo, rezando para multiplicar. Não é fácil. Mas a vontade de mudar a vida dessas pessoas é maior do que os obstáculos. Cada dia que um alcóolatra desiste da bebida, um viciado sobrevive sem crack ou um debilitado mentalmente quebra paradigmas faz todo o esforço valer a pena. Todos eles são a prova viva de que é preciso ter um olhar diferente em direção a quem precisa. Há histórias por trás dos vícios, dos crimes, da agressividade, das paralisias. E elas podem ser contornadas com amor e motivação”, finaliza Wesley antes de sair rumo ao refeitório onde reúne os internos todos os dias, às 11h, para uma oração antes do almoço.

Sicoob Seguros

Cuidando de tudo que é importante para você.



SALTYA: comida árabe, simpatia mineira

Ritapolitano importa sabor Oriental para 'exportar' empreendedorismo, talento e história impressionante

Às sextas e aos sábados as portas se abrem às 19h34. Sim: 19 horas e 34 minutos. “Não é ‘sete e meia’ nem ‘sete e trinta e cinco’”, frisa o *chef* André Luís Vieira enquanto serve uma caprichada porção de pão sírio com coalhada seca, a queridinha no cardápio do Saliya, restaurante especializado em comida árabe funcionando há 10 anos em Ritápolis.

Na mesa ao lado, uma criança pede um clássico espaguete.

Opa! Espaguete? Comida árabe?



Restaurante referência no Campo das Vertentes oferece 50 maravilhas gastronômicas diferentes

O SABOR DO INUSITADO

Vieira sorri e explica que a contradição é intencional. Dividindo espaço com maravilhas como o Babaghanush (pasta de berinjela defumada e pão sírio), o prato super comum não passa de pequena adaptação de mercado. Por isso mesmo não apaga, nem um pouco, a ousadia do empreendedor capaz de fazer deslançar,

na terra do pão de queijo, a arte de uma culinária milenar.

Os outros detalhes são obras do acaso temperadas com talento nato, persistência e otimismo. O horário de funcionamento, por exemplo, só começa às 19h34 por pura rebeldia do *chef*. Na realidade, de acordo com a Numerologia, a soma dos algarismos 1, 9, 3 e 4

converge em um harmonioso 8, associado ao comércio.

Mas nada disso passou pela cabeça de Vieira. “Eu nem sabia dessa informação. Uma cliente numeróloga foi quem comentou e frisou, inclusive, que o número do restaurante, 53, também leva ao mesmo resultado. Uma coincidência feliz, bonita e abençoada”,

explica o mineiro que, para importar as delícias árabes, percorreu meio mundo e se apaixonou pelo “lado de lá” do globo.

Mesmo assim fez questão de voltar para casa. E hoje é modelo empreendedor capaz de equilibrar o encanto que descobriu lá fora e as raízes no Campo das Vertentes. Algo que se reflete no nome do próprio estabelecimento: Saliya é nomenclatura comum entre mulheres árabes e, em outra travessura do destino, se confunde com Senhora Lia, ninguém menos que a mãe do protagonista nesta história.

O DOCE DOS IMPREVISTOS

Quem vê Vieira preparar o cardápio com mais de 50 opções (80% delas dedicadas à culinária árabe) enxerga um alquimista preparando porções com maestria. E não é exagero dizer. O encanto causado pelo tempero do mineiro do Campo das Vertentes é capaz de atrair moradores da capital e fazê-los atravessar a BR-040 única e exclusivamente para almoçar no Saliya.

Extravagância para os clientes, motivo de orgulho para o *chef* que descobriu o talento por acaso há quase duas décadas. Em 1998, Vieira era apenas mais um jovem de “20-e-poucos-anos” tentando a sorte na Grã-Bretanha enquanto arranhava no inglês.

Conseguiu trabalho lavando louça em um restaurante de beira de estrada e ganhou do patrão o alojamento em um quartinho no segundo andar. Além disso, havia um desafio: sobreviver à experiência de cozinhar para si mesmo quando mal sabia preparar um miojo. “Não tinha noção alguma de como pilotar um fogão. Pra piorar, houve um surto de Vaca Louca e comer carne, que já era cara, se transformou em algo proibido. Então um dia fiz uma mistureba com macarrão pra encher o estômago. Por algum motivo ficou comestível, meu chefe provou, gostou muito e ainda me promoveu a preparador de saladas. Coisa que eu também não sabia como fazer”, ri o idealizador do Saliya.

O TEMPERO DA PERSEVERANÇA

Não demorou muito para que o brasileiro saísse da Grã-Bretanha e ultrapassasse as fronteiras de Israel. Algo ousado para um rapaz de 24 anos. “A cultura judaica sempre me atraiu e nunca entendi exatamente o porquê. A menos que alguém daqueles lados tenha se escondido em uma fazendinha de Ritópolis não há raízes judias na família (*risos*). Mas eu precisava pisar naquele território. Eu me sentia parte dali”, conta Vieira.

O que ele não sabia é que a viagem reservaria infortúnios. Pouco depois de chegar, o rapaz foi roubado. “Fiquei com a roupa do corpo e umas moedas. Precisei racionar comida e quase passar fome durante quatro dias”, revela. Se reclamou disso? “Não. Na realidade, eu fui obrigado a consumir muita coisa na rua, já que eram as opções mais baratas. Então experimentei as frutas locais, as misturas mais simples em feiras. Tudo isso ativou meu paladar para coisas muito diferentes das que eu estava acostumado”.

E foi aí que surgiu a inquietação. Em 2010 o futuro *chef* decidiu conhecer a Síria – e as cozinhas locais, claro. Esta-



va lá, aliás, quando a guerra civil eclodiu. “Ih... houve quem encomendasse missa de sétimo dia pra mim (*risos*). Mas eu estava seguro, apesar de triste. É realmente uma pena que um lugar tão lindo, rico e com tantas possibilidades seja assolado dessa forma”, diz.

Depois disso as viagens gastronômicas não pararam. A Líbia também foi ponto de desembarque para Vieira, que mesmo com passaporte (e estômago) cheio jamais deixou de explorar a culinária brasileira. “Onde tem um restaurante exótico vai haver o André curioso em provar os pratos. É o que gosto de fazer. É o que amo descobrir”, confessa o *chef* profissionalizado por curso de Culinária de um Senac paulista.

Definindo-se como um eterno aprendiz, o ritapolitano de 41 anos frequenta, hoje, o curso superior de Gastronomia, em Juiz de Fora. Mas experiente como ele só, já

leciona no Sul do Brasil.

UMA PITADINHA DE DÚVIDA

Vieira costuma dizer que tem apenas duas certezas: a primeira, da morte. A segunda, de que jamais deixará Ritápolis. “O Saliya nasceu e vai seguir enraizado aqui. Tem essa carinha árabe, mas é ritapolitano como eu. É apaixonado por essa cidadezinha como eu e minha família”, comenta.

Família, aliás, que atua no empreendimento. E que fez mais do que apoiá-lo no negócio: ofereceu inspiração. “Não entendo de ciência, só de panelas (*risos*). Mas acho que alguma coisa vem no DNA da gente. Meu avô era comerciante. Meu pai também. Aqui, onde hoje funciona o Saliya, foi o armazém dele por décadas. Do lado das mulheres tenho orgulho de dizer

que minha avó era biscoiteira e minha mãe uma cozinheira de mão cheia. Acho que somei tudo isso”, brinca o empresário que manifestou a primeira questão gastronômica na infância: “Al-capar-ra. Que é isso? Pra que serve, gente?”.

Foi, provavelmente, a pergunta mais fácil de resolver. Adulto, Vieira descobriria que dúvidas existenciais pesavam mais. “Quando meu pai faleceu, deixou este terreno e duas interrogações: como vai ser sem ele? O que faço agora?”.

A resposta veio com uma intuição que o *chef* não sabe explicar. Decidiu sem mais nem menos que abriria um restaurante. E pouco depois lá estava o Saliya, montado com muito suor, trabalho e fumaça do fogão. “Demorou dois anos para engrenar. Eu mesmo duvidei que fosse dar certo. Mas deu”, comenta com semblante tranquilo e orgulhoso antes de se despedir e voltar à cozinha.

Era domingo. E nesse dia os 70 lugares do complexo com 200m² costumam encher. “Quero receber e cuidar de todo mundo”, explica Vieira. A clientela agradece.



De caixeiro a escritor

DEVIDSON COSTA

Eterno amante da liberdade, Paulo Palumbo trocou as estradas pelo sossego do lar. Mas continua viajando de outro jeito: nas memórias que transcreve para a posteridade

"O que não lembro eu leio. O que a cabeça não guarda o papel aceita. É por isso que eu escrevo", diz Palumbo



“Já amei, já assustei. Já banquei, já batuquei. Já carreguei, copiei, cismeï, ‘cramei’, cavaquei. Já dediquei, dispensei. Já erreï”. A lista – em ordem alfabética – de verbos que conjugaram a vida de Paulo Palumbo termina por enquanto na letra “e”.

Para ele, chegar à “z” é até uma questão de honra. Mas não há pressa para cumprir a tarefa. “Corri demais nessa vida. Agora quero sossego. E convenhamos que aos 97 anos não posso exigir tanto assim da memória. É covardia com o velho aqui”, brinca.

Conversar com o ilustre morador da Rua Santo Antônio, uma das mais antigas de São João del-Rei, não é tarefa difícil. Simpático, desinibido e – dizem – adepto de um bom exagero ao contar alguns causos, Palumbo faz jus ao sucesso de quase quatro décadas como caixeiro viajante no mais simples dedo de prosa. Ele diz que perdeu as contas de quantos municípios mineiros atravessou montado no lombo de um cavalo. Mas jura que conhece 467 fazendas no Campo das Vertentes.

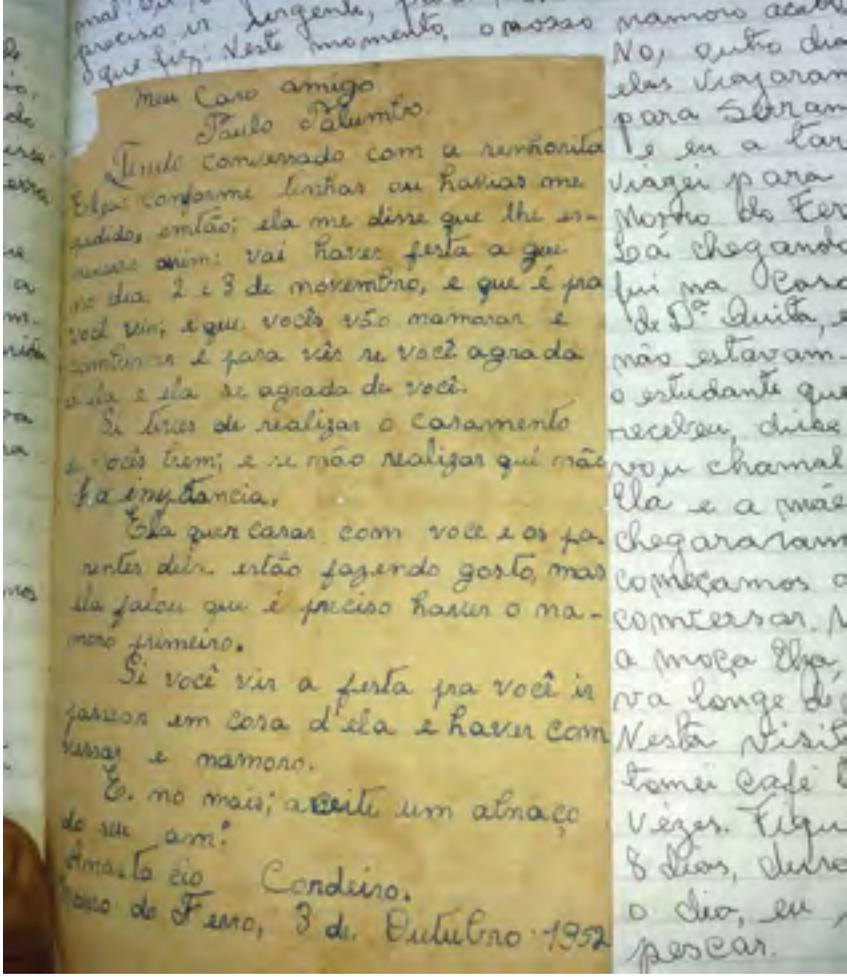
Haja memória para tanta história de amor, sobre vendas porta a porta, aventuras com bois bravos. Como guarda tudo? “O que não lembro eu leio. O que a cabeça não guarda o papel aceita. É por isso que eu escrevo”, diz.

As palavras, aliás, são as únicas coisas que ele não quer “prender”. “O resto deve ficar livre pra voar e voltar. Principalmente eu. Tenho certeza de que tenho alma de pássaro. Só não me deram asas”, garante.

DAS MERCADORIAS PARA AS LETRAS

Palumbo é um homem apaixonado pelas lembranças. Exatamente por isso, faz questão de registrá-las. Desde o ano passado, o faz com um tablet que ganhou do filho. “Fotografo tudo o tempo todo e deixo guardadinho naquele negócio. É prático demais”, comenta.

Apesar disso, ele não aposta na velha crença de que “uma imagem



Carta enviada em 1952 confirmou a Palumbo que a paixão por Elza não era platônica. Os dois se casariam pouco depois

vale mais que mil palavras”. Fotografias, Palumbo costuma dizer, não guardam os sentimentos do jeitinho que ele quer exprimir. Já o livro que escreveu, *Minha Vida de Caixeiro Viajante*, e um outro ainda sem título que sonha em lançar, acumulam todas as emoções, impressões e até os exageros. O primeiro foi impresso nos anos 70.

O último, totalmente dedicado à família, é apanhado de anotações detalhadamente feitas em letra caprichada junto a uma série de contratos, certidões, fotos e convites de casamento (sim, convites de casamento) para comprovar parte do que relata.

Todo o material é organizado em cadernos com capa dura que o ex-mascate guarda em cestinhos na sala de casa. É lá que ele se senta vez ou outra para exercitar a memória e levar para o papel os filmes antigos da própria vida que insiste em assistir. “Aqui fica fácil pegar e escrever. A cabeça da gente

é meio brincalhona. Lembra num segundo, esquece no outro. Então eu tento ser mais rápido. Por isso está tudo à mão”, gargalha o homem que vendeu mercadorias de porta em porta por quase 40 anos.

Em uma delas encontrou o grande amor, Elza.

PAIXÃO À PRIMEIRA VISTA

Palumbo conheceu a professora Elza, uma morena famosa pela doçura e pela beleza, em Morro do Ferro. E o fez enquanto exercia o ofício que lhe sustentava: vendendo utilidades, bugigangas e algumas preciosidades em 1952.

O sentimento forte do comerciante bateu à primeira vista, mas a reciprocidade por parte de Elza demorou um pouco mais a acontecer. Mesmo assim, veio do jeitinho que Palumbo mais gosta: através da escrita. “Eu vendia relógios muito bonitos, sabe? Certo dia uma moça lá de Morro do Fer-



ro gostou de um, mesmo achando caro demais. Ficou toda dividida entre comprar ou não. Ela morava numa pensão, ganhava pouco, essas coisas. Então me pediu uns minutinhos para ir ao quarto e fazer contas para se decidir. Claro que eu esperei. E nessa hora apareceu a Elza. Meu Deus, que mulher bonita. Eu nunca havia visto nada tão perfeito e divino”, relata Palumbo com os olhos brilhando.

O alvo da paixonite, porém, mal se importou. “Talvez até por isso eu tenha ficado ainda mais interessado”, confessa brincalhão o ex-vendedor que, encantado, passou a perguntar a todos os conhecidos dos arredores sobre Elza. “Era só descrevê-la e todos sabiam de quem se tratava. Era uma mulher realmente diferente das outras”, se derrete o marido.

E completa: “Depois de um tempinho morrendo de amores contei sobre ela para um cunhado e ele fofocou tudo para um conhecido. A coisa andou tanto que chegou a ela. Felizmente, ao contrário de umas outras duas vezes em que tínhamos nos encontrado sem querer, ela resolveu me dar bola (*risos*)”.

Elza pediu a um amigo que escrevesse uma carta a Palumbo. Na mensagem, assinada

em 3 de outubro de 1952, fala-se em uma festa que ocorreria em Morro do Ferro exatamente um mês depois. É claro que Palumbo foi até lá – e é claro que o papel amarelado é mantido com carinho dentro do “Livro da Família”.

O então caixeiro viajante se casou com a adorada professora exatamente um ano depois.

O CAIXEIRO, ENFIM

Palumbo nasceu em uma fazenda “pra lá de São Tiago”, como gosta de contar. E sempre se sentiu preso demais. Não por outro motivo, já aos 17 anos quis colocar os pés na estrada. Mas só com a permissão do pai, é claro. “Perguntei se podia, ele deixou, eu fui (*risos*). Até essa idade eu só fazia o que ele mandava. Era um descendente de italianos bom e muito inteligente. Era meu guia. Deu a bênção e 100 mil contos de réis que juntei a outro tanto que minha mãe deu”, relembra.

No entanto, foi sem ele que o jovem caixeiro viajante começou a perambular pelo Campo das Vertentes vendendo “de tudo um pou-

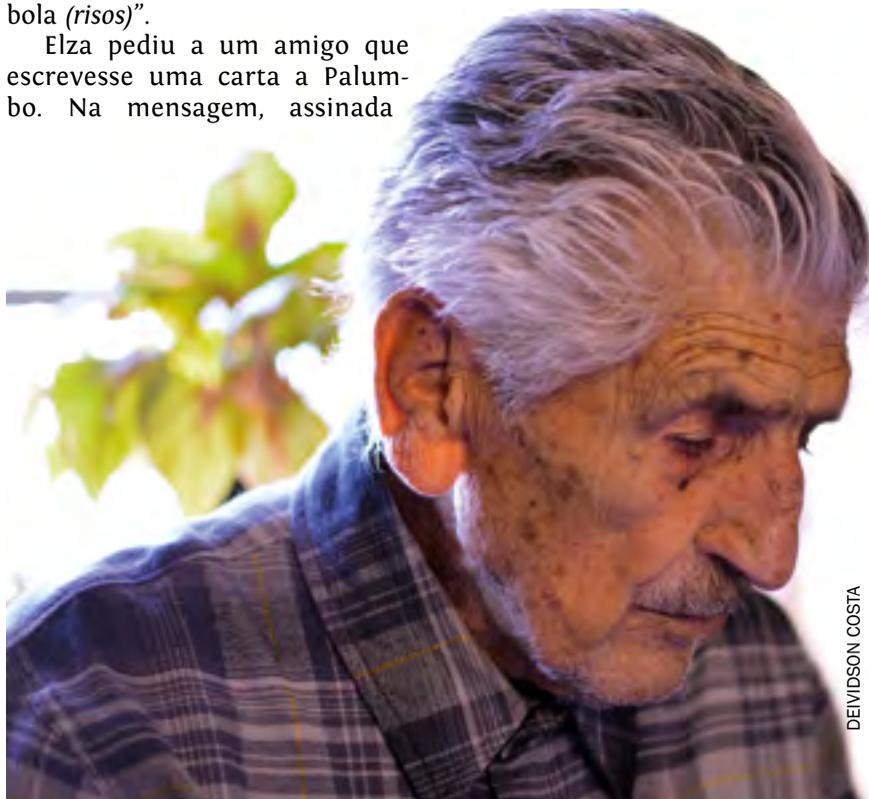
co. Tinha tamanco, escova, linha, agulha... Pensei até em vender bichos”. Sim, bichos. Ideia que durou segundos motivada pela própria inocência de Palumbo.

Segundo ele, logo no início da jornada como vendedor, um homem questionou se ele tinha algum carneiro disponível para pronta-entrega. “Foi tudo rápido. Fiquei imaginando que ia precisar arrumar um pasto pra criar ou ia perder dinheiro caso mais gente precisasse. Só depois fui entender que o que ele procurava era um coletor de água. Achei engraçado aquilo”, relembra com um jeitinho bonachão. E usa o mesmo tom para falar sobre a única vez em que sentiu medo na vida.

“Havia um comerciante, o Seu Marzano, que teve o armazém roubado. A polícia começou a parar todo mundo que passava pelas estradas para revistar. Eu carregava bugigangas. Tinha até corda de violão comigo. E não ia provar onde havia conseguido tudo. Tive que esperar até a poeira baixar e procurar abrigo”, narra.

Conseguiu em uma fazenda que parecia abandonada. Apenas parecia. Nela moravam dois irmãos e um boi bravo. “Quando cheguei o dono avisou que o bicho já tinha matado 16 novilhos. Ainda assim fiquei lá. À noite ele começou a reforçar todas as portas com uma réguas de ferro. Umas seis em cada. Comecei a tremer, tive até dor de barriga. Pra piorar, eu tinha comido muita rapadura com banana”, diz sob o olhar da esposa, Elza, que passa pela sala sacudindo a cabeça e rindo. “Ê, gente. Não tem jeito mesmo”, murmura sobre o marido que foi vencido pelas mudanças do tempo.

“Os caixeiros foram sumindo, eu tive que desistir. Aí fui consertar balanças por quase 20 anos. O problema é que chegaram as eletrônicas, né? Não conseguia consertar aquelas coisas”, confessa, garantindo que essa parte da história vai ganhar verbete específico no dicionário de realizações da vida: “Insisti”.



DEVIDSON COSTA





Pequenas guerreirinhas da Asapac ensinam lições de vida, superação, fé e alegria

O amor é o melhor remédio

Cerca de 200 pacientes diagnosticados com câncer são assistidos gratuitamente pela Asapac. Dentre eles três pequenas ensinando a todos que fé, persistência e otimismo são os melhores remédios

A sala de fisioterapia no imóvel todo azulado da Ministro Gabriel Passos, em São João del-Rei, pode ter vários significados: para uns, significa um pouquinho de sofrimento; para outros, superação. Mas para as pequenas Yasmin, Anamara e Fernanda... ah, aquele lugar é um verdadeiro playground.

É lá que elas brincam, correm soltas, se penduram em equipamentos e riem sem limites sempre assessoradas por um colaborador da Associação de Amparo aos Pacientes com Câncer (Asapac). Sim, as três foram diagnosticadas com a doença antes dos 5 anos e en-

frentaram batalhas clínicas difíceis. Mas não demonstram.

Pelo contrário, fazem questão de celebrar a vida. E é esse o mote da associação ao mesmo tempo em que luta para dar assistência aos quase 200 pacientes de 30 municípios assistidos pelo grupo.

Tudo com base em perseverança e doações. Para atender quem os procura, a Asapac precisa arrecadar mensalmente R\$80 mil - e luta todos os dias para angariar recursos. Desse total, quase R\$2 mil vão para a cobertura de medicamentos e outros R\$9 mil para cobrir gastos com leite, fraldas e suplementos alimentares que, in-

clusive, ajudaram no tratamento nutricional das meninas que serão foco nessa matéria.

Ao contrário de meses atrás, quando estavam debilitadas, hoje as três já alcançam peso considerável na balança e se divertem quando alguém as pega no colo e diz que estão "pesadinhas". Em troca elas distribuem abraços, beijos cheio de batom que fazem questão de usar e sorrisos sinceros que cativam qualquer um.

Inclusive outros pacientes que contam também com uma Casa de Apoio inaugurada em novembro, assistência social, orientação psicológica, atendimento em fo-

noaudiologia e apoio jurídico.

Isso sem contar, é claro, no ombro amigo que o coordenador administrativo da entidade, Valdecir Braga, faz questão de oferecer. Para isso, conta com colaboradores que fazem a Asapac acontecer e transformar histórias de sofrimento e medo em fé, esperança e superação.

FERNANDA BARBOSA, 29 ANOS, MÃE DE YASMIN, 7 – “Ainda me lembro do oftalmologista olhando pra mim com um semblante muito preocupado e dizendo ‘O problema da Yasmin não é de vista, mamãe. Saia daqui correndo e procure um neurologista’. O olhar dele, de alguma forma, já me dizia o que viria depois: um diagnóstico de câncer. Minha filhinha, com menos de 5 anos, tinha um tumor do tamanho de uma laranja crescendo entre a cabeça e o tronco.

Pela primeira vez eu entendi o que significa ‘perder o chão’. Foi como se eu estivesse em um terremoto. Eu não tinha forças pra ficar de pé, o mundo desabou e eu fiquei debaixo dos escombros perguntando ‘Por que a Yasmin? Por que? Por que?’. Foi um médico que me tirou de lá com um puxão de orelha: ‘Ao invés de se perguntar por que, pense no que pode fazer’.

Foi aí que me levantei e fui à luta. Nós já vínhamos batalhando para descobrir o problema da ‘Min’ há um bom tempo. Foi uma maratona de consultas e exames entre desmaios, ânsias de vômito, ameaças de derrame e paralisia, internações. Eu imaginei um milhão de diagnósticos para a minha menina. Mas nunca, nunca, pensei em ‘câncer’. Muito menos que viria acompanhado de um ‘maligno’ que a faria passar oito horas dentro de um bloco cirúrgico, se submeter a 35 sessões de radioterapia e outras tantas de quimio.

Aquilo acabava comigo. Todos os dias eu via alguém morrer com a doença. Vi crianças entrarem para a sala de tratamento e não

saírem. Era horrível. Eu só pensava: ‘Não se desespere. Dê forças para a Yasmin’. No entanto, na realidade, quem me encorajava era ela. Ela! A garotinha que não chorava quando as enfermeiras furavam seu braço inteiro tentando inserir um cateter. Pelo contrário: a Min estendia o outro bracinho para ajudar, mesmo fraco, mesmo magrinha e ainda mais pequenina.

Foi com essa coragem, aliás, que voltou à escola e explicou pacientemente aos coleguinhas o que estava acontecendo. Logo que chegou, vestindo touquinha para esconder a falta de cabelo, eles a cercaram. Alguns cochichavam, outros arregalaram os olhos, outros abraçaram. Era tudo muito novo para aquelas crianças. Elas queriam entender. Então a professora propôs que fizessem perguntas à Min. Foi uma forma de compreenderem a situação e de a minha filha se abrir, deixar tudo claro.

Com interrogações respondidas, as aulas continuaram. E a rotina da Min se aproximou da normal. Ela brinca, vive, sonha, quer ser veterinária quando crescer. Eu só rezo, dia após dia, agradecendo por mais 24h e pedindo conforto para o meu medo, que não sai daqui. O temor não me deixa.

Mas por incrível que pareça ele diminui aqui na Asapac, quando encontro outras mães que enfrentam a mesma situação e baixinhos que ensinam pra gente sobre a dádiva de acordar, de aproveitar todos os detalhes da existência. Hoje eu comemoro cada sorriso dos meus filhos, cada manhã que começa ao lado deles. No caso da Yasmin, cada colherada de comida que ela coloca na boca e cada quilininho que ela ganha são prêmios. Eu dei à luz uma criança, mas quem me ensinou sobre a vida foi ela”.

SANDRA REGINA TEIXEIRA, 27 ANOS, MÃE DE ANAMARA, 3 –

“Eu não desisti. Nem vou. A Anamara tinha apenas um aninho quando descobriram um glioma

inoperável nela e me avisaram de cara: ‘Nove em cada dez crianças diagnosticadas com essa doença morrem’. Meses depois me entregaram um papel e pediram que eu a trouxesse para casa para ter um pouquinho de alegria fora do hospital. Internações, quimioterapia e radioterapia não iriam salvá-la.

Mas não me entrego. Não acredito nisso. Ela menos ainda. Olha bem praquela menininha correndo de um lado pro outro lá fora. É mais forte do que qualquer um de nós. Então é isso: o médico dela agora é Deus. E se quiser vai curá-la.

Enquanto isso eu sigo valorizando cada segundo dela. Outro dia a Asapac conseguiu promover uma festa de aniversário linda para a Anamara. Coisa que eu não conseguiria fazer. Sou empregada doméstica, ganho pouco, tenho duas filhas para criar. Quando a vi vestida de princesinha, brincando histérica no pula-pula e até mesmo toda cansadinha no final da farra eu agradei ao Pai. Era um milagre depois de tudo.

Quando descobrimos a doença dela a Ana chorava quase o dia todo. Consegue imaginar o que é isso? Segurar um bebê que sofre, pede ajuda e você não sabe bem o que fazer? Em alguns momentos eu até me irritava com o choro. Achava que era manha. Depois ela começou a levar a mão à cabeça e eu comecei a entender que era dor. Na creche as babás começaram a notar que vez ou outra minha filha não se movimentava direito.

Todas desconfiavam do que podia ser. Mas tinham medo de me contar. De fato, não há palavras que expliquem a suspeita de câncer sem desesperar, né? E eu não tinha condições de sequer marcar uma consulta neurológica. A situação foi ficando difícil, fizemos uma vaquinha na escola da Ana e me ajudaram a arcar com o médico.

Depois de alguns exames ele entrou na sala onde eu estava e disse assim: ‘Você precisa ser for-





te'. Na mesma hora eu entendi tudo. Caí em prantos. E foi a Anamara quem me consolou, pedindo pra não chorar. Num dia eu era a mãe, a base. No outro foi ela que, doente, me sustentou com esse jeitinho.

É por isso que confio em todas as possibilidades. Pra todo mundo a frase 'nunca se sabe o dia de amanhã' tem um peso negativo. Pra mim ela tem um

pouco de esperança. Eu quero ser surpreendida com notícias boas e ainda mais reviravoltas dela sempre".

KATRIANE MARGARIDA DAMÁSIO, 23 ANOS, MÃE DE FERNANDA, 2 – “Eu vi minha filha com a barriguinha tão inchada que mal conseguia se sentar. Ouvi dos médicos que ela tinha um tumor que havia se espalhado dentro do corpo e que já comprimia o pulmão. Cinco meses depois nem uma célula de câncer havia sobrevivido no organismo dela.

Então eu acredito no ‘impossível’, sim. Em reviravoltas, em milagres e no poder que uma mão estendida tem. Foi isso o que encontrei aqui na Asapac. Cheguei aqui perdida, assustada, sem esperança. Me tornei confiante, compreensiva, mais humana e com muito mais fé. Foi um aprendizado enorme enquanto recebia su-

porte, carinho, orientação, atendimento irrestrito em todas as necessidades da Nandinha.

Sinceramente, não sei o que seria de mim sem a associação e nem o que seria da minha filha sem um ambiente em que a doença é tratada com seriedade, mas sem vitimar. Em que é possível brincar, sorrir, encontrar outras crianças que entendem bem o que ela passou tão novinha.

É claro que o receio segue ao meu lado. Qualquer gripe, qualquer sinalzinho de febre ou mesmo de desânimo da Nandinha me faz tremer. Mas aí olho pra ela, vejo que está de pé, corajosa, vitoriosa e fico melhor. Se ela que sentiu as dores e sofreu tanto com o tratamento está firme, por que eu não ficaria?

Ela é minha lição. Sei que é uma fortalezinha dentro de uma criança. Que foi mais forte do que eu ou qualquer pessoa seria. E que outros casos como o dela também podem ter cura.

A fé é maior do que qualquer diagnóstico. Sempre".

QUER AJUDAR A ASAPAC?

Para fazer doações de leite, fraldas, cobertores, roupas ou mesmo contribuições em dinheiro basta ligar para o (0**32)3372-1913 e agendar a visita de um colaborador da entidade. Sim, toda ajuda é recolhida em domicílio. A associação também soma recursos através de rifas, campanhas solidárias e serviços de telemarketing. Quando a Asapac ligar, abra o coração e diga "sim"!

DE CONFIDÊNCIAS



LIBERTAS

TAM



À INCONFIDÊNCIA

Entre história nacional e trajetória pessoal, Alair Resende desfaz mitos, conta causos e se inspira para escrever outra vez



Vida

QUAE SERA

EN

Alair Resende: apaixonado por História, dedicado à escrita e cheio de talento no dedo de prosa



“Bancário, recenseador, rodo-viário, ator canastrão, advogado, professor, aspirante a escritor, pentaneto de José Resende Costa”. É assim que o simpático Alair Resende, 85 anos, se apresenta. A esse currículo acrescenta o fato de que, acredita, está “com o pé na cova”. Mas a informação não procede.

Cheio de vida, bom humor e ideias na cabeça, o agitado senhorzinho apaixonado pela esposa, Maria Olga Resende Coelho, bem poderia ser uma personagem icônica de teatro. Ou mesmo uma das figuras que criou para os quatro livros que já escreveu antecedendo os outros bocados que ainda pretende publicar. “Isso se a Olga deixar”, gargalha.

“Eu tenho inspiração quando estou tomando banho, andando na rua ou até dormindo. Fico agitado, preciso anotar para a ideia não fugir. Mas a mulher fica brava quando perambulo casa fora de madrugada. Então suspendi um pouco a produção”, brinca.

Um martírio para um homem que tem mania de escrever desde a infância e intrigava a professora do primário. Foi nessa fase, aliás, que abandonou a escola. E ganhou uma frustração que se transformou, em uma dessas mágicas da vida, em motivação surpreendente, a ponto de torná-lo um trilingue autodidata e um pesquisador apaixonado por um capítulo da história nacional com cenário e protagonistas no Campo das Vertentes: a Inconfidência Mineira.

DA INFÂNCIA AO TEATRO

“Logo que terminei o primário meu pai me chamou num canto e perguntou se eu queria ser padre. Naquela época, em Resende Costa, era bonito ter filho religioso e rezar missa era opção para quem era pobre e não podia ir para a faculdade”, relembra.

E acrescenta: “O problema é que eu já andava de olho em meninas, sabe? (risos) Como eu não tinha dom pra santidade, ele quis saber se eu me interessava pela Escola Agrícola de Barbacena. Para ele seria interessante, já que era agricultor. Mas aí raciocinei com meus botões: ‘Pra trabalhar na roça não preciso estudar, não’. Aí decidi ser sapateiro por algum

motivo que nunca entendi. Só sei que precisava aprender um ofício pra sobreviver”, explica.

Detalhe: Resende tinha apenas 10 anos. Ainda assim, a profissão foi mais do que um ganha-pão. Na época, um sapateiro era oficialmente um fabricante artesanal de calçados. “Eu produzia aqueles modelos Luix XV, famosíssimos e muito cobiçados na época”, gabase. O dom, porém, ainda limitava e muito a criatividade de Resende, que inconformado com a interrupção dos estudos ainda no primário fazia questão de viver lendo e escrevendo pelos cantos.

E foi com essa insistência que aos 18 anos foi co-autor da adaptação *A Vingança do Judeu*. Ao lado dele na criação do texto estava ninguém menos que J. Rabelo, crítico de teatro carioca e grande amigo que o levava como espectador a grandes montagens do Rio de Janeiro. Mais do que doador de ingressos grátis, Rabelo foi um professor e parceiro. “Na verdade esse era o pseudônimo de José Ramos de Melo. Agora posso revelar porque já faleceu (risos). Antes era segredo de Estado quase”.

O enredo de *A Vingança do Judeu* fez sucesso nos palcos. Só neles, aliás. “Se eu me chamasse Alair Shakespeare é possível que as pessoas comprassem livros de teatro e me pedissem autógrafos. Como não tenho esse sobrenome, me conformo em ver os textos encenados em vários pontos do país. Se eu vir algum dia esses escritos enfeitando a prateleira de uma biblioteca é provável que eu me sente, chore e depois enfarte de emoção”, segue brincando o também autor de *A Felicidade Está Presente*, alta comédia que, não nega, “também enalhou no mercado”.

Na realidade, a leitura ávida de peças era hábito do próprio Resende, que devorava páginas e páginas sobre artes cênicas francesas. Gostava tanto que chegou a se arriscar como ator durante um tempo. “Nas cidades pequenas o entretenimento da época era o teatro. Mas eu sonhava em mostrar que havia mais do que isso atrás das cortinas e nas nossas encena-

ções. Realmente mergulhei nesse universo, embora fosse um ator muito fajuto”, confessa.

VIDA ADULTA

A veia artística, porém, não lhe rendia o sustento. Foi preciso se arriscar em outras carreiras. E nada disso assustou o ainda jovem Alair. Em 25 anos, segundo ele, chegou a residir em quase 15 cidades brasileiras. Além disso, passou um tempo no Chile. Sempre se metendo em cursos.

E de certificado em certificado terminou o primário, avançou pelo segundo grau e conquistou um diploma: “Virei doutor. Advogado”, orgulha-se. Parou por aí? Não. O rapaz que trabalhou no Departamento de Estradas e Rodagens; se alistou no Exército; atuou como balconista de um banco no Rio de Janeiro e recenseador do IBGE também se graduou em Teologia e fez pós-graduação em revisão de textos. Sim, as letras seguiram presentes na vida do mineiro. Inclusive em outras línguas.

Foi lendo os 18 volumes de uma antiga enciclopédia, Tesouro da Juventude, que Resende aprendeu francês. “Na realidade eu era uma fraude porque pronunciava tudo usando os sons do Português (gargalhadas). Mas minha leitura nessa língua estrangeira ficou afiada. Depois frequentei um curso oficial e aparei as arestas”, conta divertido.

LIVROS

A Literatura chegou mais tarde. Mas ocupou um espaço imenso – inclusive de forma veloz. A publicação de estreia, *Memórias do Vovô Totonho da Chapada*, foi escrita em apenas 24 horas. Sim, apenas um dia.

O livro é inspirado nas histórias que o pai de Resende contava em casa. “Sabe como é, né? Ele adorava um causo na hora do café. E como bom rurícola mineiro, quando não sabia o que dizia, inventava. Foi provavelmente minha primeira escola de ficção, deixando um impacto tão forte que sempre lembrei de todas como se ainda fossem contadas pra mim. Quando minha filha chegou aqui dizendo que queria



imprimi-las, sentei e passei tudo para o papel”, descreve.

Já a obra *O Embuçado*, que integra a Coleção Lageana, demandou mais tempo e pesquisas. Na realidade, foram exatos 54 anos de buscas e anotações. Inspirado na misteriosa figura quase mítica da Inconfidência Mineira, o livro é resultado da paixão de Resende sobre o assunto e encontros inesperados.

Segundo ele, ainda nos anos 80, quando residiu em Paraíba do Sul (Estado), descobriu que por lá muito se falava sobre o movimento liderado por Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes.

Mas nenhum morador da cidadezinha o intrigou tanto quanto o “Rubens da Estatística”. “O homem sabia demais. Contava tantos detalhes que eu cheguei a pensar que mentia. Um dia ele me propôs uma viagem a um distrito chamado Cebollas. Dizem que sempre que passava por lá com as tropas o Tiradentes unia o útil ao agradável: parava a viagem, descansava e namorava uma moça, a D.Mariana. Depois saía para se reunir com inconfidentes da região. Veja bem: havia inconfidentes em uma área pastoril. Não havia ouro por lá”, observa.

Foi também nessa comunidade que um braço de Tiradentes ficou exposto como forma de intimidação para outros possíveis revoltosos logo após sua morte e esquartejamento. Dizem que desapareceu durante a noite. Só muito mais tarde teria sido descoberto que o pedaço do corpo havia sido enterrado debaixo de um altar na igreja local. O pároco, Padre Paulo, era irmão de Mariana. “Foi uma atitude esparta. Ninguém ousaria mexer em um ambiente sagrado ou punir um religioso”, relata Resende.

O embuçado, portanto, é histórico? “Parte sim, parte não. Bem como o meu pai, o que não descobri vasculhando, eu inventei”, confessa o autor do título simplesmente esgotado.

FAMÍLIA

Em *A felicidade está presente*, a segunda esposa de Resende, Maria Olga Resende Coelho, também o está. Ou quase. Foi ela quem bati-

zou uma das personagens da história, Bárbara.

Mas poderia fazer mais, já que é protagonista de um enredo real cheio de reviravoltas. Ainda na juventude, Resende conseguiu a façanha de namorar duas vizinhas. “Uma de cada vez”, garante, mesmo confessando que a situação era constrangedora e afirmando, com todas as letras, que era um rapaz temente ao sexo feminino. “Não aprendi a dançar porque tremia só de pensar em chegar perto de uma mulher. Era um covardão. E provavelmente esse era meu charme”, gaba-se brincando.

A primeira namorada foi Maria do Socorro Coelho, aos 15 anos. Depois de uma briga, Resende acabou se envolvendo com outra Maria, a Olga. Também não deu certo e ele foi bater na porta mais próxima, da ex. Confuso, não? Mas o imbróglcio terminou em casamento em 1958.

Anos depois Maria do Socorro

deu a Resende três filhos. A história de amor, porém, foi interrompida em 1985, quando ela faleceu vítima de câncer. “Na época eu morava em Goiânia, me senti no fundo do poço, solitário. Decidi então voltar a Minas e desembarquei em São João del-Rei”, relata.

Logo nos primeiros minutos na região, enquanto cruzava uma avenida, ouviu uma voz familiar. Era Maria Olga chamando seu nome. “Eu não pensava em me casar. Mas achei aquilo tudo um sinal de Deus. Eu estava viúvo, ela solteira. Era nossa chance de recomeçar. Ninguém é feliz sozinho”, filosofa.

Em 1988 os dois se casaram. E seguem juntos até hoje. “Daria um bonito livro tudo isso, não é?”, finaliza dando um sorriso. Mas não desses comuns. Um diferente, iluminado, de quem acabou de receber inspiração e quer levar para o papel.

O EMBUÇADO

Em abril de 1798 uma figura vestida com uma capa escura e o rosto totalmente coberto perambulou pelas ruas de Vila Rica quando todos os moradores já dormiam. Durante a madrugada, vez ou outra ouvia-se batidas em uma das portas. Quem a abria recebia da misteriosa personagem uma mensagem intrigante: a revolta contra a Coroa Portuguesa havia sido descoberta. Punições viriam a partir dali.

Quem deu o alerta? Ninguém sabe. Ainda hoje o misterioso – ou a misteriosa – mensageiro(a) permanece sem identidade revelada. É chamado, apenas, de Embuçado –que significa “escondido, disfarçado, dissimulado”.

Ao longo da história muitas foram as especulações buscando um nome para ele. Há quem diga, inclusive, que se tratasse de um membro do próprio governo. A teoria de Resende? Só sabe quem lê o livro. Mas ele não esconde, jamais, o fascínio pelo Embuçado e por todo o contexto histórico que o cercava.

“Nas minhas pesquisas tive oportunidade de verificar que havia pelo menos três elementos de informação no movimento liderado por Tiradentes. Um era o Vitoriano Veloso, de Bichinho, um alfaiate analfabeto e negro que foi preso ao ser flagrado com uma carta de um inconfidente para outro. Temos ainda a D. Hipólita, de Prados, casada com Antônio de Oliveira Lopes. Ela escreveu uma nota para o marido em Paraopeba dizendo que a revolução havia sido abortada. O mensageiro foi preso. E finalmente temos o Embuçado”, pontua ele, defendendo sempre que chamar a Inconfidência de “Mineira” é um erro de localização.

“A possível revolta foi muito maior do que pudemos crer. Havia inconfidentes inclusive em Goiás. Mas imagine só se a Coroa ousaria confessar que a organização chegou a esse envergadura. Foi mais inteligente diminuir a ação e restringi-la a um Estado”, finaliza.



#LIBERTE SEU PORQUINHO

Poupe **no** Sicoob

Deposite suas economias na **Poupança Sicoob** e libere seu porquinho para fazer tudo que ele não pode quando está cheio de moedas. A **Poupança Sicoob** tem a forma da maior instituição financeira cooperativa do País.



Agências Sicoob Credivertentes

Alfredo Vasconcelos
Av. Agostinho Bianchetti, 49 loja A
Centro - MG - CEP: 36.272-000
Tel.: (32) 3367-1580
E-Mail: alfredovasc@sicoobcredivertentes.com.br

Barbacena
Av. Bias Fortes, 572
Centro - MG - CEP: 36.200-068
Tel.: (32) 3333-2899
E-Mail: barbacena@sicoobcredivertentes.com.br

Conceição da Barra de Minas
Praça Cônego João Batista Trindade, 148
Centro - MG - CEP: 36.360-000
Tel.: (32) 3375-1170
E-Mail: concbminas@sicoobcredivertentes.com.br

Coronel Xavier Chaves
Rua Padre Reis, 25
Centro - MG - CEP: 36.330-000
Tel.: (32) 3357-1301
E-Mail: cxchaves@sicoobcredivertentes.com.br

Dores de Campos
Av. Governador Valadares, 187
Centro - MG - CEP: 36.213-000
Tel.: (32) 3353-1122
E-Mail: dorescampos@sicoobcredivertentes.com.br

Ibertioga
Avenida Bias Fortes, 198
Centro - MG - CEP: 36.225-000
Tel.: (32) 3347-1463
E-Mail: ibertioga@sicoobcredivertentes.com.br

Itutinga
Praça Presidente Costa e Silva, 173
Centro - MG - CEP: 36.390-000
Tel.: (35) 3825-1144
E-Mail: itutinga@sicoobcredivertentes.com.br

Madre de Deus de Minas
Rua Maestro José Gonçalves de Oliveira, 155
Centro - MG - CEP: 37.305-000
Tel.: (32) 3338-1142
E-Mail: madredminas@sicoobcredivertentes.com.br

Mercês de Água Limpa
Rua Joaquim Vivas da Mata, 174
Centro - MG - CEP: 36.352-000
Tel.: (32) 3376-8109
E-Mail: mercesalimpa@sicoobcredivertentes.com.br

Morro do Ferro
Praça Coronel José Machado, 294
Centro - MG - CEP: 35.541-000
Tel.: (37) 3332-6007
E-Mail: morroferro@sicoobcredivertentes.com.br

Nazareno
Rua Francisco Ribeiro de Carvalho, 178
Centro - MG - CEP: 36.370-000
Tel.: (35) 3842-1315
E-Mail: nazareno@sicoobcredivertentes.com.br

Prados
Rua Magalhães Gomes, 88
Centro - MG - CEP: 36.320-000
Tel.: (32) 3353-6398
E-Mail: prados@sicoobcredivertentes.com.br

Resende Costa
Av. Gonçalves Pinto, 73
Centro - MG - CEP: 36.340-000
Tel.: (32) 3354-1040
E-Mail: resendecosta@sicoobcredivertentes.com.br

Ritópolis
Rua Santa Rita, 111
Centro - MG - CEP: 36.335-000
Tel.: (32) 3356-1370
E-Mail: ritapolis@sicoobcredivertentes.com.br

São João del-Rei
Rua Quintino Bocaiúva, 88
Centro - MG - CEP: 36.307-312
Tel.: (32) 3371-5313
E-Mail: saojdrei@sicoobcredivertentes.com.br

São Tiago
Praça Ministro Gabriel Passos, 114
Centro - MG - CEP: 36.350-000
Tel.: (32) 3376-1080
E-Mail: saotiago@sicoobcredivertentes.com.br

São Tiago - SEDE
Rua Carlos Pereira, 100
Centro - MG - CEP: 36.350-000
Tel.: (32) 3376-1386
E-Mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br



SICOOB
Credivergentes